

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL - UNINTER

MIRIAN RAMOS MARQUES

**CULTURA MATERIAL ESCOLAR, PATRIMÔNIO E TECNOLOGIAS: OS
OBJETOS DE ENSINO DO GINÁSIO SÃO JOSÉ DA LAPA – PARANÁ
(1949-1981)**

CURITIBA

2016

MIRIAN RAMOS MARQUES

**CULTURA MATERIAL ESCOLAR, PATRIMÔNIO E TECNOLOGIAS: OS
OBJETOS DE ENSINO DO GINÁSIO SÃO JOSÉ DA LAPA – PARANÁ
(1949-1981)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Novas Tecnologias
Área de concentração: Educação, do Centro
Universitário Internacional, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Educação.

Orientadora Prof.^a Dra. Elaine Cátia Falcade
Maschio

CURITIBA

2016

M357c Marques, Mirian Ramos
 Cultura material escolar, patrimônio e tecnologias:
 os objetos de ensino do Ginásio São José da Lapa –
 Paraná (1949-1981) / Mirian Ramos Marques. –
 Curitiba, 2016.
 114 f.: il. color.

 Orientadora: Profa. Dra. Elaine Cátia Falcade
 Dissertação (Mestrado em Educação e Novas
 Tecnologias) – Centro Universitário Internacional
 Uninter.

 1. Educação. 2. Cultura material. 3. Tecnologia
 educacional. 4. Ginásio São José da Lapa – 1949-
 1981 – Lapa (PR).

CDD 370.98162
20. ed.

Catálogo na fonte: Vanda Fattori Dias – CRB-9/547.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO-PGPE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO-ESE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS
TECNOLOGIAS**

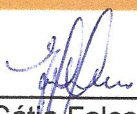
Secretaria do Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias

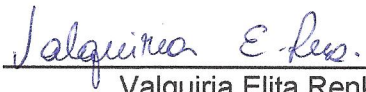
Defesa Nº 003/2016

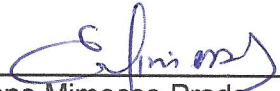
**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM
EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS**

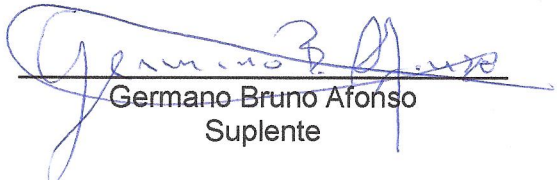
No dia 16 de março de 2016, às 14h30min, na sala 41 - 4º andar - do Campus Divina do Centro Universitário Internacional UNINTER, à Rua do Rosário, 147, em Curitiba-PR, reuniu-se a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, composta pelos professores doutores: Elaine Cátia Falcade Maschio (Presidente – Orientadora – PPGENT/UNINTER), Valquiria Elita Renk (PUC/PR), Eliane Mimesse Prado (PPGENT/UNINTER) e Germano Bruno Afonso (PPGENT/UNINTER) para julgamento da dissertação: “CULTURA MATERIAL ESCOLAR, PATRIMÔNIO E TECNOLOGIAS: OS OBJETOS DE ENSINO DO GINÁSIO SÃO JOSÉ DA LAPA – PARANÁ (1949-1981)”, da aluna Mirian Ramos Marques. A presidente abriu a sessão apresentando os professores membros da banca, passando a palavra em seguida à mestrande, lembrando-lhe de que teria até vinte minutos para expor oralmente o seu trabalho. Concluída a exposição, passou-se à arguição. Concluída a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se e exarou Parecer Final de que a mestrande está apta a receber o título de Mestre em Educação e Novas Tecnologias. A Presidente da Banca Examinadora declarou que a candidata foi aprovada e cumpriu todos os requisitos para obtenção do título Mestre em Educação e Novas Tecnologias, devendo encaminhar à Coordenação, em até 60 dias, a contar desta data, a versão final da dissertação devidamente aprovada pela professora orientadora, no formato impresso e em CD-ROM. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata que vai assinada pela Banca Examinadora.




Elaine Cátia Falcade Maschio
Presidente da Banca


Valquiria Elita Renk
Titular


Eliane Mimesse Prado
Titular


Germano Bruno Afonso
Suplente


Mirian Ramos Marques
Aluna

Recomendações: _____

13.

Dedico este trabalho aos meus pais, Natália e Valdimiro, com todo meu amor e carinho, por tudo que fizeram por mim ao longo da minha vida, pelo incentivo e apoio em não medirem esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por estar comigo todas as horas.

Muitos estiveram comigo ao longo desse percurso, me incentivando, me apoiando e acreditando no meu trabalho. Deste modo agradeço a cada um que fez parte deste caminho. Agradeço, em especial:

À Prof^a Dr^a Elaine Cática Falcade Maschio, por ter caminhado comigo, me mostrado a direção para prosseguir. Sua orientação foi essencial para eu chegar até aqui e concluir esta pesquisa.

Aos professores doutores Eliane Mimessi Prado e Valquiria Elita Renk, pelas preciosas contribuições no Exame de Qualificação e também por aceitar o convite de compor essa banca de dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação do Centro Universitário Internacional, pelas contribuições durante o curso e também aos funcionários pelo apoio administrativo.

Aos colegas de curso que também ajudaram com contribuições durante os seminários de dissertação, Cláudia; Ednelson; Elaine; Elizane; Gicele; Ligia; Jane; Ruth e Wilson.

A direção e coordenação do Colégio São José da Lapa pela ajuda e por disponibilizar para a consulta e estudos os materiais e documentos necessários à elaboração dessa dissertação.

A Sociedade Brasileira Cultural e Caritativa São José, que abriu as portas para que eu pudesse pesquisar em especial a Irmã Noevil, que me recebeu carinhosamente e disponibilizou o museu da Instituição para fazer a pesquisa.

A Veridiana Almeida, que disponibilizou seu tempo para me ajudar na conclusão deste trabalho.

E ao Rodrigo da Silva Pimentel, meu companheiro, que participou e me acompanhou com carinho durante esse período do mestrado.

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar uma análise dos objetos utilizados para o ensino no Colégio São José da cidade da Lapa, no estado do Paraná. Inaugurado em 1906, o colégio confessional católico era mantido pelas Irmãs de São José de Chambery. Tendo em vista a importância de conhecer a história e o cotidiano dos usos dos materiais de ensino desta escola, a presente pesquisa tem como objetivo analisar e conhecer os objetos escolares, a fim de compreender o funcionamento do Colégio São José da Lapa entre os anos de 1949 a 1981, e por fim esta pesquisa será divulgada em forma de um Blog, o museu virtual do Ginásio São José. Este trabalho permitiu analisar a cultura material escolar e resgatar a memória desta instituição, tornando assim o estudo inédito e necessário. Como fonte de pesquisa, foram consultados diversos documentos localizados nos arquivos do colégio, mais especificamente no Museu Escolar mantido pela Congregação das Irmãs de São José de Chambery. Tratam-se de livros de matrículas, relatórios, termos de exames e os mais diversos materiais de ensino conservados e expostos. Como aporte teórico, um dos principais conceitos utilizados nesta pesquisa foi o de cultura escolar. Entre os autores utilizados, podemos destacar: Julia (2001), Forquin (1999) e Viñao Frago (2010). O trabalho de Ivan Aparecido Manoel (1996) sobre a atuação das Irmãs de São José de Chambery também muito contribuiu para compreender a atuação desta congregação na história da educação brasileira. A cultura escolar pode ser entendida como objeto de pesquisa histórica e como constructo teórico que permite adentrar no interior da escola e vislumbrar um conjunto de práticas, normas, ritos, disciplinas e representações. A análise da cultura escolar é de grande importância para a história da educação, pois é através dela que podemos observar e verificar as diversas práticas escolares que se desenvolveram em determinados períodos históricos e diferentes espaços geográficos. A cultura material escolar é um dos principais elementos da cultura da escola. Pela análise realizada dos materiais, percebeu-se que se tratava de tecnologias do ensino contextualizadas em um tempo e espaço e eram utilizadas nas diferentes disciplinas regulares e nas disciplinas especiais.

Palavras Chave: Educação; Cultura Material Escolar; Memória.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the objects used for teaching at the College of St. Joseph of the city of Lapa, in Paraná state. Opened in 1906, the Catholic confessional school was kept by the Sisters of St. Joseph of Chambery. Given the importance of knowing the history and the everyday uses of teaching materials of this school, this research aims to analyze and know the school objects in order to understand the functioning of the College São José da Lapa between the years 1949-1981, and finally this research will be published in the form of a blog, the virtual museum Gym San Jose. this work allowed us to analyze the school material culture and rescue the memory of this institution, thus making the unprecedented and necessary study. As a research source, they were consulted various documents located in the school files, more specifically in the School Museum maintained by the Sisters of St. Joseph of Chambery. These are enrollment books, reports, terms of exams and the most diverse and preserved exposed teaching materials. As a theoretical framework, one of the main concepts used in this research was the school culture. Among the authors used, we can highlight: Julia (2001), Forquin (1999) and Viñao Frago (2010). Ivan Aparecido work Manoel (1996) on the work of the Sisters of St. Joseph of Chambery also contributed greatly to understand the performance of this company in the history of Brazilian education. The school culture can be understood as historical research object and as a theoretical construct that allows enter inside the school and envision a set of practices, norms, rituals, disciplines and representations. The analysis of school culture is of great importance for the history of education, because it is through it that we can observe and verify the various school practices that have developed in certain historical periods and different geographical areas. The school material culture is one of the school culture elements. For the analysis of the materials, it was realized that it was the teaching technologies contextualized in time and space and were used in different disciplines regular and special disciplines.

Key-words: Education; Culture School Supplies; Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem dos alunos e professoras do Ginásio São José	43
Figura 2 - Imagem do Ginásio São José no ano de 1906	45
Figura 3 - Imagem da fachada lateral do Ginásio São José.....	46
Figura 4 - Imagem do Ginásio São José em seu interior	46
Figura 5 - Balança Analítica ou Balança Ordinária.....	61
Figura 6 - Coleção de moedas antigas do Brasil e de outros países	62
Figura 7 - Calculadora Manual Olivetti, anos 1950.....	63
Figura 8 - Calculadora Manual Remington, anos 1950 a 1980	64
Figura 9 - Calculadora Manual Facit, anos 1960 a 1980	64
Figura 10 – Pantógrafo – utilizado na matéria de Desenho	66
Figura 11 – Chambre Claire – utilizado na matéria de Desenho	67
Figura 12 – Pirógrafo – utilizado na matéria de Desenho	68
Figura 13 – Materiais para pintura – utilizados nas aulas de Educação Artística.....	69
Figura 14 – Máquinas fotográficas – utilizadas nas aulas de Educação Artística	70
Figura 15 – Planetário, utilizado na matéria de Geografia	71
Figura 16 – Globo terrestre, utilizado na matéria de Geografia.....	71
Figura 17 – Métronome – instrumento utilizado para indicar com exatidão os andamentos das peças musicais	73
Figura 18 – Teclado – instrumento musical utilizado pelos alunos.....	73
Figura 19 – Cítara - instrumento musical utilizado pelos alunos	74
Figura 20 – Violino - instrumento musical utilizado pelos alunos	74
Figura 21 – Acordeão Italiano - instrumento musical utilizado pelos alunos	75
Figura 22 – Radiola Manual - instrumento musical utilizado pelos alunos	75
Figura 23 – Máquinas Escrever.....	77
Figura 24 – Máquina de Costura – usada em aulas de contraturno.....	78
Figura 25 – Álbum de costura – utilizado para ensinar métodos de costura	78
Figura 26 – Aparelhos e material utilizados nas aulas de Educação Artística e trabalhos manuais.....	79
Figura 27 – Aparelhos e material utilizados nas aulas de Educação Artística e trabalhos manuais.....	80

Figura 28 – Instrumentos manuais utilizados nas aulas de Educação Artística e trabalhos manuais	80
Figura 29 - Projetor Sonoro 16 mm – (Máquina de Cinema): usado aos domingos para passar filmes aos estudantes internos	82
Figura 30 – Mimeógrafo: utilizado para fazer impressão de atividades para os alunos	83
Figura 31 – Plumes à la ronde utilizados para escrever	84
Figura 32 - Projetor de Slides Manual	85
Figura 33 – Artigo: Os objetos de ensino do Ginásio São José da Lapa, Paraná, nos anos de 1949 -1981	90
Figura 34 - Fotos do Ginásio São José na década de 1940	91
Figura 35 - Materiais utilizados na matéria de Matemática	91
Figura 36 - Materiais utilizados na matéria de Geografia	92
Figura 37 – Materiais e instrumentos utilizados na matéria de canto orfeônico	93
Figura 38 - Materiais utilizados na matéria de educação artística	93
Figura 39 – Documentos	94
Figura 40 – Relatos de ex-alunos.....	95
Figura 41 – Os recursos materiais utilizados nas aulas nas aulas especiais	96
Figura 42 – Os recursos materiais utilizados pelo Ginásio em atividades gerais	96
Figura 43 – Listas de Matrículas	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - 1º Ciclo – Ginasial	48
Quadro 2 - Matérias ofertadas do período de 1949 a 1972 no Curso Ginasial	50
Quadro 3 - Matérias ofertadas no período de 1972 a 1981 para o Ensino de 1º Grau	53
Quadro 4 - Número de alunos matriculados entre os anos de 1949 -1981	55
Quadro 5 - Alunos da primeira turma do curso ginasial	109
Quadro 6 - Corpo docente do curso ginasial do ano de 1953 – 1959	111
Quadro 7 - Alunos da primeira turma do ensino de 1º grau em 1972	112
Quadro 8 - Professores do Ginásio São José: ensino de primeiro grau (1972)	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. CULTURA ESCOLAR E CULTURA MATERIAL ESCOLAR: AS TECNOLOGIAS DE ENSINO COMO PATRIMÔNIO DA ESCOLA.....	24
1.1 SOBRE O TERMO CULTURA ESCOLAR: DISCUTINDO O CONCEITO.....	24
1.2 A CULTURA MATERIAL ESCOLAR COMO OBJETO E CATEGORIA DE ANÁLISE.....	27
1.3 AS TECNOLOGIAS DE ENSINO E O PATRIMÔNIO ESCOLAR.....	31
2 O GINÁSIO SÃO JOSÉ, NA CIDADE DA LAPA, NO PARANÁ.....	35
2.1 RELEMBRANDO A HISTÓRIA DA CIDADE DA LAPA.....	35
2.2 DA FRANÇA AO PARANÁ: A CONTRIBUIÇÃO DA CONGREGAÇÃO DE SÃO JOSÉ DE CHAMBERY.....	37
2.3 A ESTRUTURA ESCOLAR DO GINÁSIO SÃO JOSÉ: OS SUJEITOS, O CURRÍCULO E AS MATÉRIAS ESCOLARES.....	42
3. CULTURA MATERIAL E PATRIMÔNIO: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE AS TECNOLOGIAS DE ENSINO.....	57
3.1 OS RECURSOS MATERIAIS PARA O ENSINO NO GINÁSIO SÃO JOSÉ, DA LAPA, NAS MATÉRIAS DE FORMAÇÃO GERAL.....	58
3.2 OS RECURSOS MATERIAIS UTILIZADOS NAS AULAS ESPECIAIS.....	76
3.3 OS RECURSOS MATERIAIS UTILIZADOS NAS ATIVIDADES GERAIS DO GINÁSIO SÃO JOSÉ.....	81
4. BLOG COMO RECURSO DIGITAL E MUSEU ESCOLAR VIRTUAL.....	86
4.1 DO MUSEU ESCOLAR AO MUSEU VIRTUAL DA ESCOLA: O BLOG COMO RECURSO DIGITAL.....	86
4.2 A CONSTRUÇÃO DO BLOG: UM MUSEU VIRTUAL PARA REMEMORAR A HISTÓRIA DA CULTURA MATERIAL DO GINÁSIO SÃO JOSÉ, DA LAPA.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
FONTES.....	101
REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICE.....	109

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está fundamentado na perspectiva Histórico Cultural e tem como objetivo analisar a Cultura Material Escolar do Ginásio São José, da Lapa. Procura-se realizar um estudo sobre os objetos e os materiais de ensino utilizados na educação escolar, oferecida por esta instituição entre os anos de 1949 a 1981, e disponibilizar os resultados da pesquisa em um Blog.

Essa análise será feita com base nos documentos e objetos encontrados, vinculando com o momento que a educação passava no Brasil, pois como o Ginásio devia atender algumas normas e leis para ofertar o ensino, ele precisava acompanhar as mudanças que aconteciam em todo o País.

As escolas públicas em fins do século XIX e início do XX recebiam recursos didáticos que não atendiam todas as demandas das escolas e educação e geral e, alguns professores, alugavam salas para lecionar. A dificuldade era grande, os materiais também eram comprados com o dinheiro dos próprios professores, como cita Manoel:

A escola assim criada não dispunha de prédio próprio, e o professor, após a nomeação, era obrigado a alugar, as suas próprias custas, uma sala para o funcionamento das aulas e a suprir, de seu próprio bolso, a compra de material didático (lousa, giz, apagador, lápis etc.) e mesmo providenciar livros para os alunos pobres, que eram a maioria. (MANOEL, 2008, p. 27)

De acordo com o autor citado, percebe-se a dificuldade em que a educação passou, não havia valorização dos professores, e o governo pouco investia na educação, pois este não era seu principal objetivo. Somente depois de muitos anos o Governo passou a se importar mais com a educação nacional e, estabeleceram, assim, algumas leis que serão discutidas mais adiante, essas leis visavam à regulamentação da educação nacional, como educar visando o patriotismo e a educação para o trabalho. Por meio dessas leis, a educação foi se organizando até chegar como é hoje.

Souza (2013) mencionou algumas renovações na educação, iniciando com a educação primária no final do século XIX e adentrando com estas no século XX, a

qual tinha como matriz discursiva o método intuitivo¹, porém tal método só começou a ser trabalhado nas escolas públicas primárias do Brasil, por volta dos anos 1870, com as reformas da instrução pública e ficou até meados de 1920.

O método intuitivo tinha como base ensinar através de objetos e materiais didáticos que deveriam ser familiares à criança, tal método era conhecido também como lições de coisas. Porém, era dever da escola participar dessa construção de conhecimento, fazendo, assim, com que as crianças conseguissem conhecer a modernidade e saberem lidar com a mesma. Mas, para se trabalhar realmente com o método intuitivo, precisava de uma grande quantidade de materiais, tais objetos vieram de outros lugares fora do Brasil, mas somente as escolas-modelo é que tinham tal privilégio. Sendo assim, a educação continuou precária, atendendo apenas algumas escolas, e essa era a grande reclamação dos profissionais da época.

Com a inserção do novo método, houve a necessidade de mudanças, tanto pedagógicas como também na expansão dos programas de ensino e, decorrente disso, foram inseridas várias novas matérias, as quais demandavam de mais materiais. Porém, como apenas algumas escolas recebiam estes materiais, o método intuitivo se tornou impossível de ser trabalhado por todos, e essa era a justificativa desses profissionais. Com o fracasso do método outras concepções, como a Escola Nova de John Dewey, começam a ganhar espaço nos anos vinte do século XX, aqui no Brasil.

O movimento da Escola Nova teve seu início com o filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952), e teve suas ideias fortes na Europa, América e Brasil, os ideais desse movimento eram de que a educação seria o elemento para uma real construção de uma sociedade democrática, formando indivíduos capazes de inserir-se nela respeitando suas individualidades, as diferenças, e que a escola fosse capaz de propiciar uma reconstrução permanente de experiência e aprendizagem. No Brasil, os objetivos e planos da Escola Nova tiveram o impulso com o Manifesto dos Pioneiros, com o foco de um movimento renovador, que mais tarde apresentou resquícios na primeira LDB nº 4.024/61.

¹ Método Intuitivo – É concebido por seus pesquisadores como um poderoso instrumento pedagógico, capaz de modernizar o ensino e, principalmente, formar estudantes mais adequados às transformações políticas e econômicas. (VALDEMARIN, 2004, p. 2).

Tais concepções visavam à adaptação da escola ao meio social, para que todos pudessem viver com as mudanças, e disso havia a necessidade de outros materiais além dos que já se utilizavam, como por exemplo, as novas tecnologias, com isso na pedagogia nova:

Os objetos de ensino perdem a centralidade adquirida na renovação pelas lições de coisas. Eles deixam de ser condição para a aquisição do conhecimento e se convertem em meios, componentes de um ambiente deliberadamente organizado para fomentar experiências de aprendizagem. Justifica-se, dessa maneira, a necessidade de laboratórios, oficinas, salas ambiente, museus, bibliotecas, hortas, jardins, auditórios e quadras de esportes, ou seja, a diversificação de espaços e materiais para a prática de múltiplas atividades de observação e experimentação do meio incluindo jogos, brincadeiras e dramatizações. (VALDEMARIN, 2008, p. 13)

Com base na citação acima, percebe-se que a mudança do método intuitivo para a pedagogia nova tem como objetivo o ensino pelas experiências, cabendo assim à adaptação dos alunos de acordo com as necessidades da sociedade e, acima de tudo, ser transformadora social. Esse novo método foi defendido pelo *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*.

Com base nesses levantamentos, Souza (2013) coloca que:

No ideário renovador, a materialidade da escola e os objetos de ensino adquirem novos significados devido às concepções educacionais que redefinem o papel da escola e dos conteúdos, sustentando outras interpretações sobre o processo de ensino-aprendizagem. A introdução de novas tecnologias e materiais escolares esteve diretamente associada às instituições auxiliares pelo fato de se constituírem em condições para o funcionamento de muitas delas. (SOUZA, 2013, p.110)

Conforme o autor menciona, a cultura escolar muda sempre que há novos objetivos, transformam-se os materiais, o currículo, as práticas pedagógicas entre outros, com isso se torna importante entender como esse processo ocorre.

Deste modo, o presente trabalho irá contribuir para mostrar de que forma se deu a educação no Ginásio São José, que mesmo sendo particular, precisava cumprir normas e seguir leis. Na Lapa existiam outras instituições, porém eram

escolas públicas², deste modo o Ginásio São José tornava-se o mais importante, visto o mesmo ser particular e ter uma educação com mais recursos.

Lançando um olhar mais ampliado para os aspectos que constituem o funcionamento da escola nas suas múltiplas dimensões, visa conhecer o cotidiano da escola por meio de um inventário das diferentes tecnologias apropriadas ao longo dos anos por esta instituição. Considerando a importância desta escola para a cidade, este estudo busca compreender como ocorreu o processo de escolarização ofertado pelas Irmãs de São José de Chambery, tomando como elementos de análise, o patrimônio e a memória da escola, por meio dos diferentes materiais pedagógicos utilizados.

O Ginásio São José foi inaugurado no ano de 1906. Inicialmente, tinha-se a intenção de educar as meninas que viviam na Sede do ginásio e também nos arredores da cidade da Lapa. A educação se dava em forma de internato³, onde as meninas das regiões interioranas ficavam durante toda a semana no ginásio e, passavam, assim, grande parte de suas vidas. Como não havia escolas destinadas às meninas na cidade da Lapa, no início do século XX, o intuito era que elas tivessem uma educação escolar apropriada. A educação estava baseada na formação de donas de casa e, também, para o mercado de trabalho. Para atender essa necessidade, as alunas aprendiam costurar, faziam trabalhos manuais e técnicas para iniciação ao mercado de trabalho como datilografia. Assim, para as famílias e para a população lapeana, a instalação dessa instituição foi um grande ganho.

O Ginásio, na maioria dos anos que ficou instalado na cidade e dirigido pelas Irmãs de São José, era frequentado apenas por meninas. Algum tempo depois, mais especificamente no ano de 1938, passou a aceitar matrículas também de meninos.

Na cidade não havia outra escola particular que atendesse a população, com isso o Ginásio São José foi muito importante para a cidade durante tantos anos, o mesmo foi elogiado por toda a população e também pelos alunos, pois a educação era mais rígida, tinham muitas matérias que compunham a formação dos alunos.

² Estabelecimentos que ofertavam o Curso Primário: Grupo Escolar “Dr. Manoel Pedro”; Grupo Escolar “Serafim Ferreira do Amaral”; Grupo Escolar “31 de Março”; Escola de Aplicação “Abigail Cortes”; Escola Isolada do Asilo “São Vicente de Paulo”; Casa Escolar “Emília Magalhães Ferreira do Amaral”. Estabelecimento que ofertava o Curso Ginasial: “Colégio Estadual General Carneiro”.

³ Internato: os alunos moravam no Ginásio, geralmente só iam para casa nas férias.

Durante o período de sua permanência, o Ginásio passou por várias mudanças em decorrência da legislação, passou pela adequação da Lei Orgânica do Ensino Secundário pelo Decreto nº 4.224, de 09 de abril de 1942, a qual enfatizava o patriotismo. Logo, outra Lei nº 4.024/61 se estabeleceu visando organizar a educação em âmbito nacional, inspirada pelos princípios de liberdade e solidariedade, essa foi a primeira LDB criada no Brasil. O Ginásio ainda passou por mais uma mudança, adequando-se a nova Lei nº 5.692/71, a qual teve como principal objetivo a autorrealização, através da convivência e a formação para o trabalho.

Buscando conhecer os objetos e os materiais didáticos que se fizeram presentes no ginásio analisado, bem como a organização curricular, os professores e alunos que se apropriaram destas tecnologias para o ensino, foram oportunizados alguns questionamentos. Que objetos e artefatos faziam parte do cotidiano do Ginásio de São José da Lapa, utilizados pelas Irmãs de São José de Chambery para o ensino das diferentes matérias curriculares? Quem eram os professores e alunos do ginásio, no período estudado, que usufruíram dessas tecnologias de ensino? Que cursos eram ofertados? Que matérias compunham o currículo, que utilizavam essas tecnologias? Portanto, a pergunta que se pretende responder é: quais foram os objetos de ensino utilizados no Ginásio São José da cidade da Lapa, no Paraná, no período de 1949 a 1981?

O ginásio São José da Lapa possuía um conjunto significativo de materiais de ensino. Esses materiais se configuravam na época como importantes tecnologias voltadas para o ensino em determinadas matérias, como Matemática, Geografia, Trabalhos Manuais, Desenho, Canto Orfeônico e Economia Doméstica. E eram bem distintas se comparadas a outras escolas que atendiam os mesmos níveis de ensino, principalmente as escolas públicas. Pode-se citar alguns recursos como máquina de datilografia, calculadoras manuais, máquinas de costura, projetor de *slide*, balança analítica, pirógrafo, entre outros que serão apresentados no decorrer deste trabalho.

Por isso, para compreender a educação escolar e as diferentes tecnologias utilizadas no Ginásio São José da Lapa a partir dos elementos da cultura material escolar, a proposta foi responder a esses questionamentos desenvolvendo os seguintes objetivos:

- Analisar de quais tecnologias de ensino foi composta a materialidade do Ginásio São José.
- Compreender como o ensino do Ginásio São José da Lapa foi organizado entre os anos de 1949 a 1981.
- Verificar que saberes e matérias⁴ compõem os currículos escolares do Ginásio São José;
- Divulgar os resultados por meio de um Blog, na perspectiva da construção de um museu escolar virtual.

Assim, a Cultura Material Escolar será investigada por meio da análise da identificação dos sujeitos escolares, da compreensão e levantamento dos saberes ensinados no conjunto das matérias escolares que compunham os currículos do período estudado e, principalmente, no reconhecimento das diferentes tecnologias utilizadas pela instituição.

Justifica-se como recorte temporal inicial a partir de 1949. Neste ano o estabelecimento solicitou o funcionamento do Curso Ginásial passando a denominar-se de Ginásio São José, já o ano de 1981 é o limite para esta pesquisa, pois, nesse ano, o Ginásio encerrou as atividades por falta de recursos financeiros, este foi vendido ao estado do Paraná.

Cumprе ressaltar a importância deste ginásio para a Lapa, pois antes deste ser instalado na cidade, as famílias não tinham opção para enviar seus filhos aos estudos, onde eles tivessem novos conhecimentos além de serem alfabetizados, a cidade queria algo inovador, algo além do que as escolas que existiam nesse período poderiam oferecer. Com isso, a primeira solicitação foi efetuada pelas famílias ao Monsenhor Lamartini, para que se instalasse um ginásio na cidade onde suas filhas tivessem a oportunidade de estudar e obtivessem mais conhecimentos, que pudessem ser aplicados nas suas casas e na sociedade.

Para a realização da pesquisa, pretendeu-se utilizar como referência metodológica a análise documental, a perspectiva Histórico Cultural. Portanto, para compreender o dia a dia da instituição, a pesquisa contou com um levantamento bibliográfico documental e dos objetos escolares em perspectiva histórica.

⁴ Na dissertação utilizarei o termo matéria ao invés de disciplina, pois o termo matéria é usado legalmente até a LDB 5.692/71, e só passou a chamar de disciplina com a LDB 9394/96. Por isso, aqui será utilizada a nomenclatura conforme a legislação utilizada para embasar a educação na época pesquisada.

A pesquisa documental foi realizada junto aos arquivos do Ginásio São José, na cidade da Lapa, no Convento São José, e na casa da Congregação das Irmãs de São José de Chambery, na cidade de Curitiba. No Ginásio São José foram catalogados e fotografados os livros de atas de provas orais; livros de atas de resultados finais; livro de ata de provas parciais; livro de inscrição de exame de admissão, livros de relatórios; livros de matrícula geral, livros de matrícula; livro de matrícula geral em ordem cronológica numérica; livro de dispensas médicas, livro de regimento e livro de implantação de 1º grau, além de materiais tecnológicos que eram utilizados para a aprendizagem das meninas.

No convento São José, localizado em Curitiba, foram encontrados e também fotografados instrumentos utilizados pelas irmãs durante o período em que trabalharam na cidade, materiais estes ricos em informações, pois cada um com sua história, os mesmos eram utilizados em matérias específicas como na matéria de matemática, geografia, história, canto orfeônico, trabalhos manuais, ou em aulas no contraturno, que correspondiam uma parte diversificada como curso de datilografia, iniciação ao trabalho e costura.

Como metodologia para este estudo, a principal vertente é a utilização de fontes. De acordo com Escolano (2013),

[...] cualquier objeto material de la escuela puede ser considerado como fuente para entender e interpretar la funcionalidad de las prácticas que se asocian a él, los discursos que subyacen a esas acciones y las reglas de gobernanza que se cumplimentan con su uso en las aulas. (ESCOLANO, 2013, p. 2).⁵

Sendo assim, a utilização das fontes exige do pesquisador um planejamento do seu objeto de estudo, pois as fontes possibilitam a obtenção de dados e informações sobre o passado, ou seja, é o estudo dos objetos utilizados durante determinada época. Com isso, para investigar os objetos que eram utilizados nas matérias escolares e, também, em atividades no contraturno no Ginásio São José, utilizaram dois grupos de fontes históricas, conforme classificou Berrio (1976).

O grupo das *fontes pictóricas*, que são fotografias, microfilmes, gravações entre outros; e também o grupo de *documentos de utilidade escolar*, o qual

⁵ **Tradução:** [...] qualquer material na escola pode ser considerado como uma fonte para compreender e interpretar a funcionalidade das práticas associadas a ele, discursos subjacentes a estas ações e as regras de governança que são concluídos com a sua utilização na sala de aula. (ESCOLANO, 2013, p. 2).

abrangem quaisquer objetos escolares utilizados por anos nas escolas, como giz, estojos, lapizeiros, etc. Além de outros materiais que auxiliam na composição do ensino em determinados períodos. Essas fontes ajudaram a compor a realidade encontrada no ginásio na época que será pesquisada. (COSTA, MELO, FABIANO, 2010).

Para isso, procurou-se catalogar todos os recursos didáticos e tecnológicos empregados no ensino. Tratam-se de diversos materiais pedagógicos que foram utilizados pelos alunos e professores no Ginásio São José. Para obter mais informações, realizaram visitas ao ginásio São José, na cidade da Lapa, e ao Convento e Mosteiro São José em Curitiba. Nesses locais houve conversas informais com o Diretor do Ginásio e com as responsáveis pela Congregação em Curitiba a fim de embasar a pesquisa.

Por meio desse montante de documentos, referentes ao período elegido, pretende-se realizar uma análise dos recursos educacionais e tecnológicos do ginásio, como elementos da cultura material escolar, atentando para os diferentes aspectos que a constituíram principalmente os saberes e os materiais do Ginásio⁶ utilizado na época a ser pesquisada.

A escola tem como objetivo educar gerações, lugar este pensado para atender necessidades humanas e, assim, com o envolvimento da sociedade e de seus sujeitos a escola vai constituindo uma cultura própria.

Assim sendo, a escola produz cultura, pois as relações que ela tem com os indivíduos envolvidos, materiais que utiliza; seu espaço, e outros recursos fazem dela um local onde a cultura se materializa. Ela é formada por várias culturas que por ela passam, agregando a si um pouco de cada cultura, seja ela intelectual, social, acadêmica, entre outras.

Por isso, outro conceito utilizado será o de cultura material escolar. Ciavatta (2009, p. 41) destaca que a cultura material escolar trata também de “edifícios e seus espaços escolares, mobiliário, utensílios, materiais pedagógicos, manuais didáticos, troféus entre outros. Põe em cena a ação dos professores e posturas corporais correlatas ao ambiente escolar”. Com isso, pode-se dizer que cultura

⁶ Faremos uso do termo Ginásio para indicar a instituição pesquisada, este termo também era utilizado legalmente para nomear as instituições de ensino que atendiam da 5ª até a 8ª série, como o Ginásio São José pediu o funcionamento do Curso Ginasial em 1949, o mesmo passou a chamar-se de Ginásio São José, como o período pesquisado será de 1949 até 1981, está será a maneira como citaremos a instituição.

escolar é tudo aquilo que compõe a materialidade da escola, desde seus mínimos detalhes até suas grandes estruturas físicas.

Ainda, pode-se entender a cultura material escolar sob a visão de Abreu Junior (2012):

[...] a cultura material escolar pode ser definida como um território propício à investigação que possui produção conceitual diversificada e complexa, pois se oferece grande interesse à história da educação, também a sociologia, a antropologia, a filosofia e a psicologia da educação, além, obviamente, da pedagogia. (ABREU JUNIOR, 2012, p. 170)

Com base no autor, a escola pode ser investigada, pois são inúmeras as produções, e este campo torna-se muito importante para o campo da educação. O presente estudo tem como conceito fundamental a cultura escolar, que aqui será tomado na perspectiva de Julia (1990). Outro conceito utilizado será o das tecnologias de ensino.

Cumprе lembrar que os múltiplos objetos materiais produzidos para a escola ou apropriados por ela constituem-se em tecnologias educacionais que buscaram inovar as práticas escolares. Essa materialidade passou por significativas modificações, alterações e substituições. Muitas permanecem intactas, como o quadro negro. Assim, seguindo a contribuição de Kenski (2007, p. 19), entende-se que “o conceito de tecnologia engloba a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso, suas aplicações”.

Por fim, o último conceito utilizado e não menos importante é o de Patrimônio escolar, o qual deve ser pensado não como algo simbólico, mas sim como uma transformação dos contextos escolares, e dos indivíduos envolvidos nessa cultura, não apenas um objeto, um docente ou um aluno, mas sim [...] adquirir a espessura da temporalidade, valorizar a sua herança cultural e trazer para o estudo do campo social a noção de prova, de comprovação (FELGUEIRAS, 2005, p. 99). Com isso, torna-se cada vez mais importante o estudo, o inventário e a preservação das informações, materiais, entre outros, pois assim cria-se uma identidade dos contextos escolares.

Observou-se, também, que até o momento não existem estudos sobre como teria ocorrido o processo de ensino nesta instituição, tornando-se assim este estudo

uma pesquisa inédita e relevante para a sociedade. Observa-se que uma série de trabalhos vêm sendo desenvolvidos no âmbito nos programas de Pós-Graduação em Educação, tendo como eixos norteadores a cultura escolar e cultura material escolar e a importância das tecnologias aplicadas à educação. Brevemente apontam-se algumas obras que foram de grande relevância para a discussão da cultura escolar e cultura material escolar.

Entre elas destacam-se a de Gaspar da Silva (Org), intitulada *Objetos da Escola: Espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar*, publicada pela primeira vez em 2012, a qual aborda os componentes indispensáveis da materialidade das escolas e modos de conceber e praticar o ensino, com isso é possível revelar lugares e práticas pedagógicas através dos objetos utilizados na educação. A obra de Bento Faria intitulada *Cultura Material Escolar: Objetos Que Contam História*, na qual estuda o que os objetos escolares revelam através de seu uso. A obra de Souza (2013), intitulada *Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola primária no Brasil, no século XX*, a qual relata sobre o papel de objetos pedagógicos que foram inseridos e foram ressaltados como relevante para as mudanças na educação. Outra obra é da autora Palma (2013), intitulada *Os materiais didáticos utilizados no processo de ensino-aprendizagem de conteúdos matemáticos na escola primária (Séculos XIX-XX)*, a qual trata especificamente de objetos matemáticos. Estas obras analisam as práticas pedagógicas a partir do uso das tecnologias na escola, favorecendo a compreensão de como tais recursos podem auxiliar nas aulas, contribuindo assim para educação.

Com o intuito de contribuir com a temática da cultura material escolar como patrimônio da educação, inserindo esse trabalho no rol de estudos que tem a cultura escolar como objeto de investigação, a presente pesquisa está dividida em três capítulos.

Serão abordados durante os capítulos deste trabalho alguns itens que são de extrema importância para entender como se iniciou o processo educacional escolar na cidade da Lapa, assim como as tecnologias educacionais existentes. No primeiro capítulo, serão discutidos os conceitos e definições da cultura escolar, cultura material escolar e tecnologias educacionais, vistos como patrimônio da escola. No segundo capítulo, será realizada uma análise da contribuição da Congregação das Irmãs de São José de Chambery para a criação de um ginásio na

cidade da Lapa, com a criação do Ginásio São José. Ainda, neste capítulo, será apresentada a estrutura de funcionamento do ginásio, identificando os alunos, professores e demais elementos da comunidade educativa, bem como os conteúdos, as matérias e o currículo. No terceiro capítulo, será dissertado sobre constituição da cultura material escolar do Ginásio São José, a partir da análise das diferentes tecnologias de ensino, e de como elas modificam os espaços da escola. E, por fim, no quarto capítulo, será abordado sobre a construção de um Blog, o qual terá como objetivo divulgar essa pesquisa e buscar novas informações sobre o Ginásio, onde ex-alunos poderão participar do mesmo com fotos; relatos e outros materiais, tornando-o assim um meio de participação, interação e lembranças da instituição.

CAPÍTULO 1

1. CULTURA ESCOLAR E CULTURA MATERIAL ESCOLAR: AS TECNOLOGIAS DE ENSINO COMO PATRIMÔNIO DA ESCOLA

1.1 SOBRE O TERMO CULTURA ESCOLAR: DISCUTINDO O CONCEITO

A cultura engloba ação e transformação, com isso na escola encontra-se culturas diversas, pois com o passar dos tempos várias alterações ocorreram, que vem desde a inserção de normas e leis, até as interferências dos sujeitos e sociedade. Porém, para referir-se a cultura da escola, o termo abordado será de Cultura Escolar, que é todo tipo de manifestação que acontece dentro da escola, desde as práticas, teorias, normas, currículos, tudo que acontece no seu interior, seja de forma neutra ou imposta, a cultura escolar se dá nas várias dimensões. Sabe-se que durante todo tempo a escola passou por várias reformas, com objetivos de melhorar a educação e atender todos, essas passagens também se constituem na cultura escolar.

Por meio do estudo dessa cultura, é possível entender as diversas passagens que ocorreram com a educação e verificar se tudo isso proporcionou algo inovador, se cada passagem contribuiu para a formação de indivíduos críticos, entendendo assim o sistema escolar.

No Brasil, é possível entender o termo Cultura Escolar por três eixos que já foram trabalhados em pesquisas, com isso Faria Filho (2004, p.149) descreve-os como perspectivas provisórias, são elas: “saberes, conhecimentos e currículos; espaços, tempos e instituições escolares; materialidade escolar e métodos de ensino”. Com esses eixos abordados pelo autor, percebe-se que o estudo sobre a cultura escolar abrange a vida da escola, todo seu funcionamento, seus objetos, seus sujeitos, suas vertentes.

Neste sentido, cabe entender a cultura escolar como tudo que contempla a escola, desde os objetos como carteiras, materiais didáticos, recursos tecnológicos entre outros, afirma ainda que a cultura escolar é produzida a partir do contexto institucional, por meio das práticas cotidianas que são experimentadas pelos sujeitos na escola.

A escola é representada muitas vezes como uma reunião de alunos em torno de um professor, munido de materiais visando à instrução da sua turma. Porém, a escola não é apenas isso, é uma instituição criada intencionalmente para educar gerações, ela é um local projetado para atender algumas necessidades do homem, entre essas estão a socialização e a conservação da cultura.

Para potencializar a capacidade dos sujeitos e promover o desenvolvimento cultural, ela faz resgates de instâncias sociais, como a família, a religião, o trabalho, utilizando como meio os materiais, ritos, hábitos, espaços e tempos. A escola tem essa função de transmitir os conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade, atendendo assim as demandas da sociedade. Porém, ao mesmo tempo em que a sociedade influencia a escola, esta produz sua própria cultura, através de suas práticas educativas.

Escolano (2010) destaca que:

A escola foi e é um lugar de produção de cultura e essa cultura se objetiva nas práticas em que são operados os processos formativos. As ações se materializam nos espaços, objetos, ícones e textos que formam parte do patrimônio histórico-educacional. (ESCOLANO, 2010, p. 12)

Refletindo acerca da colocação do autor, a escola é o local onde as relações socioculturais se tornam evidentes pelos sujeitos envolvidos, e assim constituem uma cultura que é própria da escolarização, através de suas práticas. Ela é formada por diversas culturas que se misturam e são experimentadas pelos indivíduos, seja intelectual, social, acadêmica entre outras, e essa cultura produzida pela escola é chamada de cultura escolar.

A cultura pode ser entendida também como toda a ação humana, e a escrita tornou-se muito importante para a conservação dos conhecimentos que foram produzidos pela sociedade. Com isso, a importância de se pesquisar as escolas, pois é o local rico em cultura e lugar de aprendizagem da escrita.

Os estudos sobre a cultura escolar se fortaleceram a partir dos anos 1990. Neste período, passou-se a olhar com mais atenção para a escola e, conseqüentemente a sua cultura. Por meio desta perspectiva, pode-se ser estudado e pesquisado a escola como um todo, isso inclui os seus indivíduos, que seriam

todas as pessoas envolvidas, pais, alunos, professores, a comunicação; a maneira de organização da instituição, e as práticas escolares.

A cultura escolar pode ser produzida, segundo Chervel (1988), por duas partes: a parte oficial, ou seja, os departamentos que ditam as normas; e os resultados obtidos pela ação da escola, que não estão descritos como os oficiais. Sendo assim, a escola não é somente a parte burocrática, mas sim uma totalidade, com todas as suas ações.

Ainda precisa-se entender que essa instituição não pode ser analisada somente pelas interferências externas, pois tal análise fará com que a escola seja desarticulada com a realidade. Para compreender melhor a cultura escolar, toma-se como base os estudos de Forquin (1993):

[...] a escola é também um 'mundo social', que tem suas características de vida própria, seus ritmos e ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos (FORQUIN, 1993, p. 167).

Analisando a afirmação do autor, pode-se considerar que as práticas escolares vão além dos dispositivos legais e se configuram como uma cultura institucional marcada pelas práticas.

É necessário pesquisar as ações da escola na sua totalidade, inclusive os recursos utilizados para a melhoria das aulas, pois assim terá claro que a escola é uma base para a sociedade. Sendo assim, considera-se a importância de se pesquisar a sua cultura, seus ritos, o seu cotidiano, sua forma de gestão, seus recursos e objetos utilizados, para o desenvolvimento da aprendizagem, de hábitos e comportamentos que são próprios da escolarização.

Assim, a cultura escolar pode ser entendida como tudo que envolve as práticas escolares ao longo dos anos, em perspectiva histórica e atual. Desde a lousa, o uniforme escolar, a arquitetura das escolas, até os materiais utilizados pelos alunos, as práticas escolares, o currículo entre outros.

Julia (2001) entende a cultura escolar como:

[...] um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que

podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores (JULIA, 2001, p.10)

Seguindo na perspectiva de Julia (2001), a cultura escolar apresenta-se como um conjunto de normas e práticas que transmite, incorpora e define conhecimentos e comportamentos, e é formada por todos os elementos que compõe a instituição escolar.

A cultura escolar, como categoria de análise, é de grande importância para compreender o cotidiano e as práticas das instituições escolares. É por meio dela que podemos observar e verificar as diversas culturas que existiram em vários períodos que a educação passou, desde a escrita em papiros na idade antiga, até hoje, no século XXI com a educação inserida na dimensão das novas tecnologias, e a escrita na forma de digitação.

De acordo com Frago (2000), deve-se pensar na cultura escolar de forma mais ampla, ou seja, tratá-la no plural, culturas escolares, pois ele acredita que nos diferentes momentos da história os sujeitos envolvidos produziram diversas culturas escolares, portanto conceber a cultura escolar no plural é entender que a escola é composta por um conjunto de culturas escolares. Analisar a escola pelo viés da cultura escolar é perceber que os recursos educacionais e sua evolução no processo de ensino aprendizagem constituem-se em elementos da cultura material escolar.

1.2 A CULTURA MATERIAL ESCOLAR COMO OBJETO E CATEGORIA DE ANÁLISE

Nos últimos 30 anos, a linha de pesquisa sobre a cultura escolar vem ganhando campo. Vários são os pesquisadores que optaram pela mesma. Nesta pesquisa, a cultura escolar vai ser analisada tendo como objeto um dos seus ramos, que é a cultura material escolar, tendo em vista que serão investigados os recursos

tecnológicos e objetos educacionais utilizados no Ginásio São José na cidade da Lapa.

Conforme Souza (2007, p. 176), a cultura material escolar “significa compreender, num espectro ampliado, os mais diversos componentes materiais ligados ao mundo da educação”. Deste modo, a cultura escolar trata de todas as informações da escola, em diversos espaços de tempo, podendo analisar diversos campos da mesma, como a história do currículo e das matérias escolares; análise das práticas pedagógicas; práticas de apropriação entre outras vertentes, e todo esse estudo ajuda a entender um pouco mais sobre a cultura escolar. Porém, alguns pesquisadores estudam a vertente das práticas escolares focando na materialidade escolar.

Assim, a cultura material escolar deve ser entendida como toda materialidade da escola, ou seja, objetos; artefatos; tecnologias; entre outros utensílios, que são utilizados para a produção de conhecimentos, pois tais materiais não expressam somente uma forma, mas também ideias envolvidas neste processo de produção e apropriação dos objetos. Além disso, a materialidade está articulada aos aspectos culturais de um povo, e, portanto a cultura material pode ser definida como toda produção material e imaterial, como objetos, utensílios, regras, religião, hábitos, ideologia entre outros.

A cultura material escolar pode também ser entendida como patrimônio escolar ou herança escolar. Deste modo Felgueiras (2005) coloca que:

O património é visto inserido num espaço de vida, organizado e edificado, povoado por conjuntos de objetos portadores de formas, imagens, significados e valores. [...] Na herança educativa incluímos, assim, tanto os edifícios, o mobiliário, os materiais didáticos, os materiais dos alunos, os elementos decorativos e simbólicos presentes nas escolas, quanto as práticas de ensino, as táticas dos alunos, as brincadeiras e as canções no recreio, as recordações do quotidiano escolar, que as memórias de professores e alunos podem revelar (FELGUEIRAS, 2005, p.92).

Com base na autora, a cultura material escolar pode ser entendida como tudo que está relacionado à escola, objetos, carteiras, materiais, recursos, espaços escolares entre outros, ela abrange mínimos detalhes, porém tais objetos só fazem algum sentido quando são colocados em um contexto significativo. Ou seja, todo

esse patrimônio escolar não deve ser visto apenas como o passado, mas sim, uma herança de práticas e hábitos integrados em um contexto de transformação.

A cultura material escolar é trabalhada ainda por alguns autores tendo como foco o método de ensino, porém o foco deste trabalho será os recursos tecnológicos e objetos escolares utilizados para a aprendizagem e de como os mesmos foram apropriados pelos alunos.

A escola é vista como uma produtora de cultura e um espaço onde várias culturas se encontram, como a cultura infantil, religiosa, familiar entre outras, formando assim a cultura escolar. Embasado em Vidal (2009, p. 26) “as mudanças de percepção sobre a função social da escola remetem a modificações tramadas nos últimos anos no âmbito da sociedade e de seus sistemas de representação”. Com isso surgem dúvidas com relação ao funcionamento das escolas e suas intenções, e passa-se então a surgir um cenário com pesquisas de como materiais escolares, recursos tecnológicos influenciam no espaço escolar e no decorrer dos tempos.

Com todas essas pesquisas e investigações, procura-se entender como funciona a escola e sua função em meio à sociedade, os valores, saberes e hábitos passados por ela, pois se sabe que a mesma é um local onde os alunos passam grande parte das suas vidas, sendo um local obrigatório de passagem.

Ao olharmos para a escola como detentora de cultura, é possível constatar e ampliar o entendimento sobre o funcionamento interno, e as mudanças que ocorrem ou não, ainda assim é possível verificar a evolução de objetos e recursos tecnológicos que perpassam pelos anos. O uso da materialidade escolar como fonte de investigação permite verificar se haviam interesses políticos, de mercado ou outros, pois de acordo com Vidal & Silva (2010):

Quanto mais se expande horizontal e verticalmente o sistema, ampliando o acesso e aumentando os anos de escolarização obrigatória, mais a instituição se oferece como um significativo mercado consumidor, sustentado pelo Estado ou pela iniciativa privada que se infiltra num nicho ordenado legalmente pela máquina estatal. (VIDAL & SILVA, 2010, p. 33).

Por isso, de acordo com as autoras, as escolas tinham vertentes ideológicas a seguir. Já a cultura material escolar foca na investigação do interior das escolas, nas suas práticas e na forma com que cada uma foi sendo apropriada pelos sujeitos

envolvidos, tornando assim também geradores de conhecimento. A cultura material está nas nossas vidas desde que nascemos, pois estamos sempre cercados de alguma materialidade, em nossa casa, trabalho, escola, entre outros locais, são várias possibilidades.

De acordo com Funari & Carvalho (2009), entende-se a cultura material como “tudo aquilo que é produzido ou modificado pelo ser humano, ou seja, tudo aquilo que faz parte do cotidiano da humanidade, independente do tempo ou mesmo do espaço”, estamos imersos diariamente na materialidade, e isso compõe a nossa cultura material.

A cultura material teve seu conceito concebido na segunda metade do século XIX, com estudos feitos pelo francês e geólogo, Boucher de Perthes, para analisar os materiais produzidos pela humanidade em períodos anteriores. A partir de então, esse conceito foi sendo disseminado aos poucos e, só em 1919, o termo foi institucionalizado, conforme apontam Funari & Carvalho (2009).

Por meio do estudo da cultura material é possível compreender vestígios e elucidar determinadas culturas, tomaremos como base a materialidade da escola, onde pode-se averiguar “a disposição das salas, carteira dos alunos, mesa do professor, arquitetura do prédio da escola, entre outros elementos, conduzem alunos e professores a adotarem comportamentos socialmente aceitos”, conforme Funari & Carvalho (2009), estudar essa materialidade ajuda a compor histórias e entender como se dava a educação em determinada época, país, escola, entre outros.

Através da cultura material escolar é possível resgatar histórias, práticas, culturas, ou seja, visualizar o passado da escola, onde o mesmo era produzido por diversos sujeitos, com isso é necessário pesquisar a fundo, buscando não apenas documentos, mas também materiais, objetos, utilizando fontes, fotografias e outros recursos possíveis. Essa pesquisa muitas vezes se torna difícil, pois muitos materiais e documentos se perdem ou se degradam com o tempo, por isso a importância da preservação de todos esses recursos.

Felgueiras (2005, p.99) descreve que “inventariar, estudar e preservar são os primeiros passos na criação de uma identidade dos contextos escolares”, pois assim a realidade da escola será bem mais definida, fazendo com que materiais, objetos, documentos e outras fontes sejam a explicação de acontecimentos e práticas.

1.3 AS TECNOLOGIAS DE ENSINO E O PATRIMÔNIO ESCOLAR

Novos olhares de investigadores e historiadores vêm sendo lançados, com relação ao patrimônio e a materialidade escolar, cada vez mais esses estudos estão ganhando foco nas discussões sobre a história da educação e, conseqüentemente, mais pesquisas estão sendo feitas sobre estas temáticas, nacionalmente como também internacionalmente. Com isso, no Brasil, o tema Patrimônio Escolar, ou patrimônio histórico cultural, vem sendo cada vez mais discutido, pois tem uma importância tanto pelo viés formador como de preservação. De acordo com Nascimento (2011), este conceito surge primeiramente como:

Instrumento de representação da memória, sujeito a interpretações no tempo e no espaço; o patrimônio representa momentos históricos e a maneira pela qual o interpretamos é o sentido que atribuímos a ele. (NASCIMENTO, 2011, p.2)

Com essa colocação mais tradicional, o patrimônio pode ser analisado visando atender aos ideais de classes dominantes. Porém, se analisado pelas novas interpretações históricas, ele tende a ganhar visões mais amplas de modo que se entenda o universo sócio cultural.

Já se pode contar com pesquisas virtuais sobre esse tema, e cada vez mais projetos estão sendo desenvolvidos, pois é uma forma de contextualizar os recursos e materiais pedagógicos com a realidade da sala de aula.

Mogarro (2013) descreve que:

O trabalho desenvolvido contém em si a continuidade e aprofundamento das investigações neste campo, desejando-se a intensificação dos estudos e acções em defesa, salvaguarda e difusão do património educativo, contribuindo assim para o conhecimento científico acumulado e para a sua projecção social, académica e cultural. [...] Os artefactos materiais fazem parte destes processos e é por via deles que abordamos os sistemas e as realidades educativas. (MOGARRO, 2013, p. 71)

Conforme o autor apresenta acima, o estudo deste patrimônio educativo e a cultura escolar são de grande importância para o campo da educação e da história. Com essa investigação, pode-se conhecer e entender um pouco mais sobre a evolução da educação, os conhecimentos que eram passados, e de certa maneira

perceber como recursos, materiais, e outros artefatos interferem ou são apropriados, nesse sistema educativo.

Em Portugal, as iniciativas de preservar, estudar e divulgar o patrimônio educativo têm início no século XIX. A constituição de museus pedagógicos aparece entre os anos de 1882 e 1883 quando Adolfo Coelho pressiona o município de Lisboa, ele era destinado principalmente para os docentes com o intuito de formação e assim a inovação e renovação do processo de ensino (MOGARRO, 2013, p. 74). Além do museu pedagógico, Coelho também tinha algumas ideias sobre o museu escolar, onde o mesmo poderia auxiliar a educação e traria grandes vantagens para o ensino, onde os próprios alunos ajudavam na organização, coletando materiais e, assim, os museus tornavam-se coleções de materiais didáticos.

A preservação de todos esses materiais pedagógicos e artefatos deve ser vista como a busca de identidade e, assim, a valorização da História da Educação. Com base em Mogarro (2013):

O interesse sobre o património cultural da educação insere-se nas novas perspectivas sobre a cultura escolar e a materialidade, que olham os materiais didáticos e os objectos de uso quotidiano como artefactos que iluminam a inovações tecnológicas e sua aplicação às realidades educativas. Em si, estes objectos permanecem inertes (lápis, carteiras, quadros, livros, computadores) mas colocados nos contextos dos usos que deles fizeram professores e alunos, passam a constituir poderosos instrumentos para iluminar as práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula e as rotinas quotidianas. (MOGARRO, 2013, p. 88).

Destacando a ideia da autora, precisa-se com essa investigação ver o uso e apropriação de objetos, recursos didáticos que são utilizados no dia a dia da educação não apenas como algo inerte, mas sim, colocar estes objetos em um contexto de uso, auxiliando as práticas pedagógicas. Deste modo, torna-se de grande importância que novos estudos aconteçam no âmbito do patrimônio escolar, como Escolano (2010) destaca:

Las líneas que siguen quieren ofrecer un conjunto de reflexiones sobre el valor patrimonial de la cultura material de la educación, sobre la constitución de este patrimonio como objeto historiográfico, sobre los modos de aproximación metodológica a su estudio y sobre

el papel que la memoria de la escuela puede jugar en la educación cívica y crítica de la ciudadanía. (ESCOLANO, 2010, p. 14)⁷

De acordo com o autor citado, através destas pesquisas é possível fazer uma reflexão sobre a importância de valorizar o patrimônio escolar, pois por ele é possível verificar a constituição da educação, preservando, assim, sua memória. Pode-se ainda verificar de forma mais próxima, através dos objetos escolares, as metodologias de estudo aplicadas e ainda preservar essa memória, conhecendo a educação cívica e crítica da sociedade, pois a escola é quem auxilia nessa formação.

Para a elaboração do presente estudo, que se propõe a investigar os materiais de ensino utilizados no Ginásio São José, na cidade da Lapa-PR, para obter quais eram os materiais e as tecnologias, foi necessário visitar o museu da Congregação das Irmãs de São José, em Curitiba. Grande parte dos materiais foram levados e hoje são preservados pelas Irmãs, onde permanecem no convento da congregação, em uma espécie de museu pedagógico, chamado pelas Irmãs de acervo. Pois, como o ginásio foi vendido e elas deixaram de dirigi-lo, poucos materiais ficaram de posse do ginásio. O que restou, pode-se considerar o patrimônio do ginásio, as memórias da cultura material da escola.

No intuito de analisar as tecnologias da escola e sua relevância, Escolano (2010) esclarece que:

En las muestras del siglo XIX y primeras décadas del XX, las tecnologías emergentes de la nueva escuela venían a ser un símbolo del nivel de modernidad que los sistemas de educación iban alcanzando en los respectivos países y hasta un indicio del grado comparativo de progreso de cada uno de ellos. (ESCOLANO, 2010, p. 15)⁸

Embasado na citação acima, percebe-se que a tecnologia da educação é vista como algo inovador e moderno, que faz parte do progresso dos países nos

⁷ **Tradução:** As linhas que seguem querem oferecer um conjunto de reflexões sobre o valor do patrimônio da cultura material da educação, sobre a construção desse patrimônio como objeto historiográfico, sobre os modos de aproximação metodológica do seu estudo e sobre o papel que a memória da escola pode julgar na educação cívica e crítica da cidadania. (ESCOLANO, 2010, p. 14)

⁸ **Tradução:** Em meados do século XIX e primeiras décadas do século XX, as tecnologias emergentes da escola nova vinham ser um símbolo de modernidade que os sistemas de educação iriam alcançando em seus respectivos países e até um grau comparativo entre eles. (ESCOLANO, 2010, p. 15)

séculos XIX e XX, tornando-se assim uma grande conquista para as escolas da época, toda essa tecnologia tinha um valor que muitas vezes não era acessível a todas as instituições.

Portanto, estudar o patrimônio escolar é buscar entender o que as tecnologias educacionais produziram e o que elas materializaram na sociedade, de acordo com Funari & Carvalho (2009):

Os patrimônios são importantes portadores de mensagens e, por sua própria natureza como cultura material, são usados pelos atores sociais para produzir significado, em especial ao materializar conceitos como identidade nacional e diferença étnica. (FUNARI & CARVALHO, 2009, p. 7)

Sendo assim, através do patrimônio pode-se fazer uma análise mais profunda da cultura material, e perceber significados produzidos por diversos sujeitos a partir de uma materialidade.

Deste modo, por meio do patrimônio escolar e a análise dos arquivos escolares, é possível esclarecer as práticas e a cultura escolar, pois como descreve Mogarro (2006, p.77):

Os documentos de arquivo são os mais tradicionais como base da escrita da história, mas os novos caminhos da investigação em educação não deixam de lhes conferir esse lugar de centralidade, de matriz de referência, pela consistência das suas informações e pela segurança que transmitem aos investigadores. As novas fontes de informação expressam a preocupação com as vozes dos atores sociais e educativos (privilegiando os testemunhos orais e as lógicas narrativas de natureza pessoal) ou com a materialidade associada às práticas (como os objectos móveis que fazem parte dos espólios museológicos das escolas), mas a configuração da identidade histórica e institucional passa necessariamente pelo arquivo, enquanto repositório do processo de “escrituração” da escola. O arquivo escolar garante, em cada instituição, a unidade, a coerência e a consistência que as memórias individuais sobre a escola, ou os objectos isolados por ela produzidos e utilizados, não podem conferir, por si sós, à memória e identidade que hoje se torna fundamental construir. (MOGARRO, 2006, p. 77)

Todos esses materiais, arquivos são capazes de nos remeter às práticas realizadas e a cultura produzida pelas escolas, porém nenhum objeto isolado pode aferir a memória ou identidade de uma escola, é preciso relacionar ao todo.

CAPÍTULO 2

2 O GINÁSIO SÃO JOSÉ, NA CIDADE DA LAPA, NO PARANÁ

2.1 RELEMBRANDO A HISTÓRIA DA CIDADE DA LAPA

A cidade da Lapa tinha grande importância no cenário paranaense, foi lá que ocorreu uma das principais batalhas políticas do Estado conhecido como o Cerco da Lapa, oriundo da Revolução Federalista e a Guerra do Contestado. Segundo Silveira & Silveira (2010), a cidade da Lapa já tinha representatividade desde o século XVI, pois teve sua origem com o tropeirismo. Sendo assim, ela é uma das cidades mais antigas do estado do Paraná.

Devido ao alto índice de venda de gado, as fazendas do Rio Grande do Sul abasteciam os grandes mercados de Minas Gerais, e por esse motivo os tropeiros visando o não pagamento de imposto à Capitania de São Paulo pela passagem de gado à margem do Rio Iguaçu, abriram o “Caminho das Tropas” ou “Caminho de Viamão”, que tinha como objetivo ligar Viamão, no Rio Grande do Sul até Sorocaba em São Paulo, ambos tinham esse nome, pois eram por esses caminhos que os tropeiros passavam com suas tropas.

Esse caminho passava por Campo Largo, Curitiba, São José dos Pinhais, e ligavam assim Sorocaba cidade no estado de São Paulo ao Rio Grande do Sul, sabiam que se passasse por Capão Alto (Lapa) até Rio Grande do Sul não precisariam pagar tal imposto.

De acordo com Silveira & Silveira (2010) com a movimentação dos tropeiros neste local houve a necessidade de lugares para o descanso deles e para que o gado se alimentasse antes de seguir viagem, além disso, a cobrança de impostos devido a passagem do gado às margens do Rio Iguaçu, faziam com que os homens permanecessem por mais tempo por essas terras, e assim criavam-se condições para o início de povoamento, os primeiros habitantes da cidade foram João Pereira Braga e Josefa Gonçalves da Silva. Com o passar dos anos foram concedidos vários alvarás de licença para que funcionassem alguns centros comerciais e, em 1768, quando a comunidade já tinha mais habitantes, foi solicitado pelos moradores que houvesse uma igreja, e assim foram atendidos e no dia 13 de junho de 1769 foi

instalado pelo Padre João Maria da Silva a freguesia de Santo Antonio de Lisboa, passando mais tarde a chamar-se de Freguesia de Santo Antônio da Lapa.

Foi em 1806, já com um número significativo de habitantes, que a localidade passou do nome de Caminho das Tropas para Vila Nova do Príncipe e, em 1872, o Capitão português Francisco Teixeira Coelho elevou pela Lei n. 293, que a vila passasse a se chamar Lapa, nesse ano já havia na localidade uma matriz, uma câmara e uma cadeia.

A localidade teve seu nome de Lapa devido a uma grande montanha rochosa que se encontra ao leste, termo este que vem de “lappa”, que significa grande pedra ou laje, hoje tal montanha recebe o nome de Parque Estadual do Monge, devido ter abrigado no local o Monge João Maria D’Agostinis, ele viveu por lá entre os anos de 1847 a 1855, e era conhecido como São João Maria, pois a população que vivia na cidade acreditava que ele tinha poderes místicos e milagrosos, pois se dedicava aos enfermos, medicando-os. Fazia estudos sobre as plantas que existiam na região, além de fazer orações e pregações. Além do “São João Maria” passaram pela cidade mais três monges, e com isso o local ficou conhecido e procurado por pessoas que acreditam na cura de males. (SILVEIRA & SILVEIRA, 2010)

Outro acontecimento que a Lapa passou, foi a Guerra do Contestado, que ocorreu entre os anos de 1912 até 1916, essa guerra aconteceu na região sul do País entre os estados do Paraná e Santa Catarina, por disputas de terras, um dos pontos que geraram este movimento foi a construção de linhas ferroviárias entre Rio Grande do Sul e São Paulo, o que ocasionou a retirada de várias famílias de seus terrenos para a construção da estrada de ferro e outros trabalhadores ficaram sem seus empregos gerando uma grande crise, deste modo vários camponeses e trabalhadores se viram tendo que lutar contra as forças militares estadual e federal. Durante esse período, eles tiveram o auxílio dos monges, eles acreditavam que com a ajuda deles conseguiriam avançar e ser salvos, José Maria foi um monge que acreditavam ser enviado do monge antecessor João Maria, eles acreditavam que os monges tinham poder de cura e poderiam ajudar com conselhos. O fim do conflito só se deu no ano de 1916 com a prisão de Adeodato Manoel Ramos, que foi considerado um dos chefes da revolta. (OLIVEIRA, 2006. p.199)

A cidade da Lapa ainda passou por outras interferências como a Revolução Federalista que ocorreu entre os anos de 1893 e 1895, sendo na Lapa talvez o episódio mais marcante desse período. Essa Revolução iniciou devido as divergências de dois grupos políticos, o Partido Federalista representado então pelo Floriano Vieira Peixoto, vice-presidente de Marechal Deodoro e o Partido Republicano representado por Júlio Prates de Castilhos, eleito presidente do Estado do Rio Grande do Sul.

A revolução iniciou no Rio Grande do Sul e queria avançar até Rio de Janeiro, a então capital do Brasil na época, mas para isso precisariam passar por Santa Catarina e Paraná, foi então no dia 14 de Janeiro de 1894, na cidade da Lapa, que avistaram pelas estradas de ferro aproximadamente 1.200 homens armados, e no dia 17 de janeiro os ataques ao exército de 900 homens comandados pelo Coronel Antônio Ernesto Gomes Carneiro, homem de confiança de Floriano Peixoto, iniciaram, e resistiram por 26 dias, a Lapa então ficou cercada, sem terem como fugir, pois todas as estradas estavam fechadas, a batalha só teve fim no dia 11 de fevereiro do mesmo ano, dois dias após a morte do então General Carneiro, a cidade durante esse período ficou em estado de calamidade, faltava comida, água, eram muitos mortos que cheiravam mal, os restos mortais dos guerreiros que lutaram contra os federalistas foram depositados no “Panteon dos Heroes”, um dos monumentos mais importantes do Paraná.

Neste cenário peculiar e importante, as primeiras escolas na cidade surgiram devido a necessidade da população em educar seus filhos, com isso muitos pedidos para abrir uma escola na cidade foram solicitados.

Deste modo percebe-se a importância da cidade da Lapa para todo o estado do Paraná e também para o Brasil, pois foi sede de grandes batalhas envolvendo tanto em esfera estadual quanto federal.

2.2 DA FRANÇA AO PARANÁ: A CONTRIBUIÇÃO DA CONGREGAÇÃO DE SÃO JOSÉ DE CHAMBERY

A congregação das Irmãs de São José de Chambery teve início em 1651. Inicialmente era chamada de Congregação das Filhas de São José. A mesma foi

criada visando auxiliar aos pobres, aos enfermos e a educação das crianças, porém após a Revolução Francesa no século XVIII, a qual deixou milhares de pessoas feridas, doentes e necessitadas, a maioria das Irmãs foram despejadas dos seus conventos, algumas foram presas e outras guilhotinadas. Mas, em 1812, já passado o conflito, as irmãs decidiram recomeçar suas missões em Chambéry, cidade ao sul da França que tornou o berço acolhedor de novos projetos missionários. (CANSI, *et al.* 2011, p. 19)

Em 1858, a pedido do Monsenhor de Melo e também ao Projeto de Romanização da Igreja Católica que visava à romanização das pessoas, foram enviadas ao Brasil sete religiosas que se hospedaram na cidade de Itu, no estado de São Paulo, a primeira cidade brasileira a recebê-las. No ano de 1894, a Reverenda Mère Adèle, estava preocupada, pois como elas não tinha missões em países estrangeiros havia a possibilidade novamente de um fim da Congregação, e seu sonho era de ir além das fronteiras para ajudar outros povos. Foi, o primeiro Bispo do Paraná, Dom José de Camargo Barros, solicitou ajuda para dirigir as Santas Casas de Curitiba e Paranaguá, então aliviada a Reverenda Mère Adèle enviou em 1896 para o estado do Paraná seis religiosas e dois sacerdotes capelães. Os mesmos foram distribuídos, entre Curitiba e Paranaguá, e acolhidos com alegria, porém essas irmãs consideravam a cidade de Curitiba lastimável, a qual se caracterizava assim após a Revolução Federalista que ocorreu entre os anos de 1883 há 1885⁹, elas vieram com o intuito de atuar na saúde, evangelização, assistência ao idoso, aos carentes e também a educação, por causa dessa atuação de auxiliar os necessitados a congregação das irmãs se espalhou pelo mundo e chegou ao Brasil.

Com a vinda de muitas irmãs ao Brasil e com o passar dos anos, a congregação foi ganhando forças e fundaram o Cajuru (Convento e Mosteiros São José), o qual se tornou a casa da Congregação no Estado do Paraná. Suas atividades no campo educacional iniciaram no ano de 1902, nas cidades de Paranaguá, Castro, Ponta Grossa e Lapa, onde as irmãs tiveram como eixo principal a saúde e a educação, e este foi o que marcou a expansão das Irmãs de São José no estado do Paraná. (CINTRA, 2012, p. 23).

⁹ SOUSA, Rainer Gonçalves. "Revolução Federalista"; **Brasil Escola**. Disponível em <http://www.brasilecola.com/historiab/revolucao-federalista.htm>. Acesso em: 11 de out. 2015.

Vendo a contribuição das Irmãs para a sociedade, e visando ajudar as famílias lapeanas, o então Monsenhor Lamartini Correia de Miranda solicitou que se instalasse na cidade da Lapa um ginásio que ajudasse na educação das meninas, pois as famílias haviam feito vários pedidos desta ordem. As meninas lapeanas queriam estudar e terem mais conhecimentos, pois se tratando de uma cidade do interior as chances das meninas estudarem ficavam restritas a algumas saíam da Lapa para estudar em outras cidades ou então seriam donas de casa. Porém, como as Irmãs já sabiam que assim como os demais locais encontrariam situações precárias, a Madre Léonie, solicitou algumas condições, onde houvesse no mínimo 70 alunos já no início das matrículas, para que se iniciassem os trabalhos.

Então, foram enviadas para a cidade quatro Irmãs para dar início às aulas, as Irmãs Madre Marie Antoniette Perrot; Madelene de Jésus Rovet, Ana Magalhães e Judite Creschim, as quais foram as fundadoras do ginásio, o mesmo foi fundado no dia 31 de janeiro de 1906, e no dia 1º de fevereiro de 1906 as religiosas iniciaram suas atividades.

Saíram de Curitiba no dia 31 de janeiro de 1906, pela manhã, de trem. Chegaram algumas horas depois no local de seu destino. A recepção, em Lapa, foi de muita simpatia. Grande número de pessoas as acompanharam até a casa, onde iriam morar e que ficava num ângulo da Praça. Foi-lhes oferecido um “cafezinho”, aguardando o jantar de recepção marcado para as 17 horas.

Era uma casa velha, mal conservada e preparada às pressas. E os móveis, em que consistiam?... algumas cadeiras velhas, uma mesa carunchada, camas das mais rudimentares, compridas demais, colchões muito curtos, travesseiros primitivos, tais que, contou uma das contemporâneas, não eram vistos nem em celas de carmelitas.

À guisa de cortinas nas janelas, artísticas teias de aranhas. Muito vidro quebrado. O terreno em volta, era coberto de um matagal espesso que não só invadia a propriedade mas subia muro acima, protegendo ainda mais a clausura.

Nas salas de aula podiam ser vistas carteiras velhas e desiguais dando um aspecto de desordem. Não havia cadeira, nem mesa ou estrado para as professoras, além da ausência total de qualquer mapa ou material indispensável. (NOSSA HISTÓRIA, 1978, p.58).

As Irmãs foram muito bem recebidas pela localidade, mas como já imaginavam, encontraram algumas dificuldades já de início, como por exemplo, a casa onde funcionaria o ginásio e que serviria de abrigo para elas. Era uma instalação antiga, mal conservada, suja, não havia um local adequado para as aulas,

pois a sala que existia estava com as carteiras quebradas, faltava materiais didáticos necessários e tudo era precário.

Uma segunda surpresa, era o número de matrículas, no dia de realizá-las se deparam com jovens moças com idade entre 15 a 25 anos, e não havia crianças, mas como a missão delas era de ajudar as pessoas e educar, as aulas principiaram assim mesmo, muitas foram as dificuldades iniciais. As Irmãs não sabiam o que ensinar as meninas, já que falavam a língua portuguesa bem e eram de famílias com maior poder aquisitivo. Uma das queixas das famílias eram as aulas de piano. Mas no início, as religiosas não tinham esses conhecimentos e também não sabiam falar português corretamente. Por outro lado, a língua francesa se tornava um conteúdo a ser ensinado pelas religiosas às filhas daquelas famílias abastadas, deste modo a língua francesa fez parte do currículo escolar dessa instituição.

Como o Ginásio inicialmente era apenas feminino, o objetivo dessa educação tinha dois segmentos educacionais distintos, porém complementares. Segundo Manoel (2008, p.92), “a educação e a instrução, (...) onde o objetivo final seria de formar jovens cultas, polidas, sociáveis, que difundissem na família e na sociedade os valores do catolicismo conservador”.

No entanto, estava previsto nos projetos da Congregação atuar nos espaços escolares com um projeto de expansão católica, onde as professoras num primeiro momento deveriam:

[...] gravar profundamente nos corações as verdades da religião e aí colocar os fundamentos de uma sólida virtude, pretendia-se, em segundo lugar, enriquecer as alunas com os conhecimentos conformes à sua posição social e à que ocupariam no mundo. Tal função dúplice do ensino confessional praticado serviria a edificar a sociedade através das alunas formadas (CARDOSO, 2009, p. 68).

Desta maneira, as Irmãs não deixaram se abater e iniciaram suas atividades, permanecendo na cidade por longos setenta e seis anos, até sua venda ao estado, sua permanência na cidade e a localização central da escola, atraiu famílias com poder aquisitivo maior e também os imigrantes que chegavam e se alojavam na localidade, permitindo-os uma melhor condição de sobrevivência.

Deste modo, as irmãs da Congregação de São José de Chambery contribuíram para a criação de um ginásio que atendesse a elite lapeana. O intuito

das Irmãs da Congregação de São José, inicialmente era de romanização, ou seja, disseminar ideias católicas, evitando assim que as ideias liberais ganhassem força.

Este movimento interno à Igreja Católica, de fortalecimento do Papa através da hierarquia, com os bispos agindo localmente, bem como por meio da melhoria do clero, é conhecido como ultramontanismo. No Paraná, costuma-se identificar como introdutores dessa tendência, a convite dos bispos, os franciscanos capuchinhos e as irmãs de São José, ambas as congregações originárias da Savóia. Embora oficialmente laica, a república brasileira, no que se revelava nas elites sociais, parece ter reservado um papel próprio às escolas confessionais mantidas pelas congregações religiosas, católicas e protestantes. (CARDOSO FILHO, 2009, p.11)

No campo educacional, as ideias foram voltadas nas práticas da Escola Nova¹⁰, de acordo com Cintra (2005, p.29), “foi nesse cenário de heterogeneidade de pensamentos e ações que se deu a entrada das Irmãs de São José e de outras congregações religiosas europeias em Curitiba”. A missão da Congregação não foi fácil, pois como havia diversas crenças e práticas, elas tiveram que trabalhar muito para conseguir avançar nas suas atividades e disseminar seus ideais.

Percebe-se assim que as Irmãs não ficaram apenas na capital do Paraná, e foram distribuídas por diversas cidades como Paranaguá, Castro e Lapa. Logo que chegaram à cidade já ganharam espaço, trazendo com elas ideias e novas práticas, as quais para o município foi de extrema importância, visto ser uma cidade que possuía poucos recursos na educação. O ginásio trouxe tecnologias, as quais não eram tão comuns para a educação no momento, pois a formação nessa época ainda era precária e quase não existiam. Os alunos tinham aulas de canto, de pintura, atividades para prendas domésticas, educação para o lar, e iniciação às técnicas de trabalho, como datilografia e costura, assim esses alunos ao saírem do ginásio poderiam iniciar atividades no mercado de trabalho.

Com o passar dos anos, o atendimento escolar oferecido pelas religiosas foi se aprimorando, trazendo para a cidade um ensino diferenciado. Iniciava-se assim, uma renovação e modernização do ensino por meio de materiais e objetos

¹⁰ Escola Nova: seu objetivo é de reorganizar a educação de maneira que o trabalho seja seu elemento formador, favorecendo a expansão das energias criadoras do educando, procurando estimular-lhes o próprio esforço como o elemento mais eficiente em sua educação e preparando-o, com o trabalho em grupos e todas as atividades pedagógicas e sociais, para fazê-lo penetrar na corrente do progresso material e espiritual da sociedade de que proveio e em que vai viver e lutar. (AZEVEDO, 2006, p. 196).

pedagógicos. Essa modernização possibilitou a inserção de novas tecnologias do ensino e, conseqüentemente, a transformação das práticas pedagógicas e da cultura escolar.

No estado do Paraná, em meados de 1921, a educação ainda não conseguia atender o número de alunos que estavam fora da sala de aula, onde havia aproximadamente 120 mil crianças em idade escolar, confrontando com 52 mil matrículas, diante disso, metade de todo esse número de crianças ficou fora das salas de aulas, sendo maior parte nas cidades do interior, (CINTRA, 2005, p.39).

Com base nesses dados foi que as Irmãs de São José partiram para a ampliação dos ginásios. Na cidade da Lapa, elas conseguiram atender as expectativas da população, pois trouxeram novidades e recursos que até então os ginásios locais não possuíam.

2.3 A ESTRUTURA ESCOLAR DO GINÁSIO SÃO JOSÉ: OS SUJEITOS, O CURRÍCULO E AS MATÉRIAS ESCOLARES

O Ginásio São José da Cidade da Lapa foi fundado em 31 de janeiro de 1906, por solicitação do vigário da Paróquia, Monsenhor Lamartini Correia de Miranda, atendendo assim aos pedidos da sociedade lapeana, que rogava um lugar para que as meninas pudessem aprender e adquirir experiências para sua vida profissional e pessoal. A escola era particular e tinha a prestação de serviços missionários, por isso trata-se de um ginásio confessional.

Durantes os anos que o Ginásio permaneceu na cidade, houve grandes mudanças para a sociedade que ali vivia, pois no início, o ginásio oferecia o curso primário, o qual correspondia de 1ª a 4ª séries, com quatro anos de duração destinados as crianças de sete a doze anos, e também ofertava o ginásial, que correspondia de 5ª a 8ª séries e sua duração era também de quatro anos. Tais cursos foram reorganizados de acordo com a Lei nº 4.024/61 advinda da Escola Nova, com o Manifesto dos Pioneiros, essa foi a primeira LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil. Porém, o mesmo ainda estava se organizando, pois como as matrículas eram de crianças de diversas idades principalmente de meninas

que tinham entre 15 e 23 anos, onde as famílias pagavam para que suas filhas pudessem estudar e adquirir os conhecimentos.

No período de 1906 até 1938, o ginásio atendia somente meninas, que estudavam em regime de externato¹¹ e internato. A partir do ano de 1938, alguns meninos puderam estudar no ginásio na educação infantil. Após o ano de 1949, com a inclusão do curso ginásial, o Ginásio começou a estruturar-se de maneira mais clara, ampliando a educação das famílias lapeanas. Aos poucos, o Ginásio foi se estruturando, passando assim a atender o curso primário e também o ginásial.

Segue fotografia da turma de alunos do Ginásio São José, essa foto possivelmente foi tirada logo no início quando o mesmo passou a aceitar as matrículas dos meninos, pois se percebe na foto que o número de meninos era bem inferior ao das meninas:

Figura 1 - Imagem dos alunos e professoras do Ginásio São José.



Fonte: Acervo MIS, Coleção Guilherme Glück (DÉCADA DE 1940)

¹¹ Externato: Os alunos não dormiam no Ginásio, estudavam e no final das aulas iam para casa.

Este ginásio contribuiu 75 anos para a formação intelectual e moral dos lapeanos e em 1980 foi o ano de encerramento das atividades dirigidas pelas irmãs francesas, sendo o ginásio vendido ao Estado, onde funcionaram algumas repartições públicas, e em 1992 o Ginásio voltou a funcionar e atualmente é um ginásio estadual, permanecendo o nome de Ginásio São José.

Sabe-se que a escola é detentora de cultura, com isso tudo que nela contém faz parte da história, e nada é considerado neutro, pois cada objeto ou espaço é utilizado por um grupo de alunos ou professores que tem interesse. Com base nisso, Hernández Diaz (2002) destaca que:

Los objetos y espacios de la escuela ayudan a construir relaciones, palpables o invisibles, a crear un determinado clima, que podrá ser recreado e interpretado com pautas, metodologías y criterios etnográficos. La carencia de objetos, o su falta de calidez también pueden distanciar, establecer barreras con el usuario, fomentar la incomunicación entre niños, entre maestro y niños, entre alumnos de diferente género. (HERNÁNDEZ DÍAZ, 2002, p. 226).¹²

Assim, tudo pode ser pesquisado, pois tudo faz parte de uma história, os materiais ou recursos educacionais constituem com seus usuários alguma relação, já que vivem em um mesmo espaço e, muitas vezes, possuem objetivos em comum ou individual.

Quando o Ginásio São José iniciou no ano de 1906, funcionava em uma casa antiga, e a situação era precária. Faltavam carteiras, livros para registro, materiais para as atividades que seriam desenvolvidas nas matérias. O público do ginásio inicialmente eram meninas que moravam na cidade e no interior. As maiores dessas já possuíam um pouco de conhecimento, ou seja, já eram alfabetizadas e queriam algo diferente, como aprender tocar piano, e outras atividades, porém as irmãs não sabiam muito bem o que fazer, visto que foram com o objetivo de iniciar atividades escolares. Deste modo, decidiram ensinar aritmética, porém encontraram outra dificuldade, as Irmãs eram francesas mal sabiam falar português e as alunas

¹² **Tradução:** Os objetos e espaços da escola ajudam a construir relações palpáveis ou invisíveis, para criar certo clima, que poderá ser recriado e interpretado com orientações, metodologias e critérios etnográficos. A carência desses objetos ou sua falta podem distanciar, estabelecer barreiras com o usuário, fomentar o isolamento entre crianças, entre professores e crianças e alunos de diferentes gêneros. (HERNÁNDEZ DÍAZ, 2002, p. 226)

se quer sabiam falar francês. Assim, começaram umas a aprenderem com as outras, as meninas passaram a ter uma matéria específica de língua francesa¹³.

Com o passar dos anos e o aumento do número de alunos, o ginásio solicitou que houvesse uma nova estrutura, onde seus alunos teriam mais espaço para fazer as atividades e serviriam também de moradia das Irmãs e internato para as meninas que moravam longe do centro.

Abaixo imagem do ginásio do ano de 1906, que mantém a fachada original construída na primeira década do século XX.

Figura 2 - Imagem do Ginásio São José no ano de 1906.



Fonte: Livro: A Congregação das Irmãs de São José no Cinquentenário do Ginásio de Nossa Senhora de Lourdes.

¹³ L. H. **Nossa História** (Memorial que relata a trajetória da Congregação de São José de Möitiers, desde que saiu da França e aportou em terras brasileiras). Paraná, 1978.

Figura 3 - Imagem da fachada lateral do Ginásio São José.



Fonte: Acervo MIS, Coleção Guilherme Glück (Década de 1940)

Figura 4 - Imagem do Ginásio São José em seu interior.



Fonte: Acervo MIS, Coleção Guilherme Glück (Década de 1940)

O currículo escolar possuía matérias comuns e também uma parte diversificada, as matérias comuns eram oferecidas no período da manhã e durante a tarde eram realizadas outras atividades mais práticas, como por exemplo, técnicas comerciais e educação para o lar. Nessa matéria, as irmãs ensinavam as meninas serem boas donas de casa, preparavam os enxovais, aprendiam costura, e outras tarefas que uma dona de casa poderia fazer, e as técnicas comerciais eram ofertadas, visando uma formação e iniciação há uma carreira profissional.

O Ginásio foi dirigido pelas irmãs desde o início em 1906 até 1980, porém o mesmo passou por grandes mudanças. Uma delas foi a partir do ano de 1930 com a reforma Francisco Campos, conhecida assim por ser emitida uma série de decretos difundidos em 1931 com o intuito de regulamentar e organizar o ensino. Essas mudanças foram significativas, passando a política educacional ser da esfera estadual, assim tal reforma, conforme Cintra (2005).

[...] deu organicidade especial ao ensino secundário que teve estabelecido o currículo seriado, a frequência obrigatória, dois ciclos de estudo (o 'fundamental' de formação básica geral em 5 anos e o 'complementar' de caráter propedêutico de 2 anos), e a habilitação neste nível de ensino como necessária para o ingresso no ensino superior. (CINTRA, 2005, p. 44).

Deste modo, a organização do currículo deveria atender o proposto pela reforma, acatando as suas normas para a formação básica do curso fundamental. Essa reforma foi breve e logo entre os anos de 1942-1946 outra tomou a frente, conhecida como Reforma Capanema ou Leis Orgânicas do Ensino, essa reforma ficou conhecida pelos projetos no ensino durante a Era Vargas, a qual foi liderada por Gustavo Capanema¹⁴. No dia 9 de abril, de 1942, foi promulgada a Lei Orgânica do Ensino Secundário através do Decreto nº 4.244, por meio desta Lei o ensino secundário tinha como objetivo o ensino patriótico, onde os adolescentes deveriam aprender sobre os problemas e necessidades da nação, gerando a consciência da responsabilidade humanística, além de alimentar uma ideologia política e proporcionar condições para o ingresso em cursos superiores. Com essas Leis

¹⁴ Gustavo Capanema – Ministro da Educação e Saúde de 1937 a 1945. Foi responsável por grandes projetos de reorganização do ensino no Brasil, onde um deles foi a reforma do ensino secundário criando a Lei Orgânica do Ensino.

Orgânicas do Ensino, tanto o ensino primário como o secundário passou por modificações e adequações.

De acordo com Romanelli (1986, p.157), o ensino secundário passou a ser dividido em dois ciclos, o primeiro ciclo, chamado de ginasial com quatro séries com duração de quatro anos e o segundo ciclo dividido entre o clássico e o científico, com três anos de duração cada um. Ainda, com essa reforma, algumas exigências foram solicitadas, a primeira com relação a educação da mulher, era necessário a separação dos sexos, caso a escola atendesse os dois, então que fossem divididos em sala diferentes. Já, em outro momento, solicitou-se a inclusão da matéria de Economia Doméstica, onde seria específica para a formação feminina, a mesma era inserida na 4ª série. Essas duas reformas que sistematizaram o ensino secundário e profissional no país tinham o intuito de qualificar para indústria, comércio e setor primário. (CINTRA, 2005).

A Lei nº 4.244, descreve em seu Art. 1º, os objetivos e finalidades:

1. Formar, em prosseguimento da obra educativa do ensino primário, a personalidade integral dos adolescentes.
2. Acentuar a elevar, na formação espiritual dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística.
3. Dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial. (BRASIL, 1942).

Com base em tal lei, percebe-se que de modo geral o que prevalecia muitas vezes era o interesse do poder, pois observa-se que há contradições em formar pessoas patrióticas e preparar de forma geral para estudos mais elevados, portanto o curso Ginasial foi dividido conforme quadro abaixo, de acordo com Romanelli (1986, p. 157).

Quadro 1 – 1º Ciclo - Ginasial

MATÉRIAS	SÉRIES
Português	I, II, III, IV
Latim	I, II, III, IV
Francês	I, II, III, IV
Inglês	II, III, IV
Matemática	I, II, III, IV
Ciências Naturais	III, IV

História Geral	I, II
História do Brasil	III, IV
Geografia Geral	I, II
Geografia do Brasil	III, IV
Trabalhos Manuais	I, II
Desenho	I, II, III, IV
Canto Orfeônico	I, II, III, IV

Fonte: Quadro elaborado pela autora, de acordo com dados de Romanelli (1986, p. 157).

Com base nesta reforma, o currículo estabelecido pelas Irmãs era composto das seguintes matérias: Português, Latim, Francês, Inglês, Matemática, História Geral e do Brasil, Geografia Geral e do Brasil, Trabalhos Manuais, Desenho e Canto Orfeônico. Tais matérias visavam à formação intelectual dos alunos, onde as meninas muitas vezes tinham uma preparação para serem boas donas de casa e os meninos para iniciarem no mercado de trabalho.

O Ginásio passou por várias mudanças com o decorrer dos anos, uma delas foi com o Decreto Lei nº 4.224, de 9 de abril de 1942, advindo da Reforma Capanema, adequando-se assim as leis que surgiam mudando ou adequando a educação em todo o Brasil. Esta Lei estabelecia o seguinte currículo para o ensino secundário:

CAPÍTULO I

DO CURSO GINASIAL

Art. 10. O curso ginasial abrangerá o ensino das seguintes matérias:

I. Línguas:

1. Português.
2. Latim
3. Francês.
4. Inglês.

II. Ciências:

5. Matemática.
6. Ciências naturais.
7. História geral.
8. História do Brasil.
9. Geografia geral.
10. Geografia do Brasil.

III. Artes:

11. Trabalhos manuais.
12. Desenho.
13. Canto orfeônico.

Art. 11. As matérias indicadas no artigo anterior terão a seguinte seriação:

Primeira série: 1) Português. 2) Latim. 3) Francês. 4) Matemática. 5) História geral. 6) Geografia geral. 7) Trabalhos manuais. 8) Desenho. 9) Canto orfeônico.

Segunda série: 1) Português. 2) Latim. 3) Francês. 4) Inglês. 5) Matemática. 6) História geral. 7) Geografia geral. 8) Trabalhos manuais. 9) Desenho. 10) Canto orfeônico.

Terceira série: 1) Português. 2) Latim. 3) Francês. 4) Inglês. 5) Matemática. 6) Ciências naturais. 7) História do Brasil. 8) Geografia do Brasil. 9) Desenho. 10) Canto orfeônico.

Quarta série: 1) Português. 2) Latim. 3) Francês. 4) Inglês. 5) Matemática. 6) Ciências naturais. 7) História do Brasil. 8) Geografia do Brasil 9) Desenho. 10) Canto orfeônico. (BRASIL, 1942).

No Ginásio São José, encontraram registros feitos a próprio punho de livros atas com os registros das notas dos alunos. Com isso, obteve-se o quadro de matérias ofertadas na época pesquisada, abaixo segue o mesmo com as matérias lecionadas do ano de 1949 a 1972.

Quadro 2 – Matérias ofertadas do período de 1949 a 1972 no Curso Ginásial

MATÉRIAS	SÉRIES
Português	I, II, III, IV
Latim	I, II, III, IV
Francês	I, II, III, IV
Inglês	II, III
Matemática	I, II, III, IV
História Geral	I, II
História do Brasil	III, IV
Geografia Geral	I, II
Geografia do Brasil	III, IV
Trabalhos Manuais	I, II, III,
Desenho	I, II, III, IV
Canto Orfeônico	I, II, III, IV
Economia Doméstica	III, IV
Educação Física	I, II, IV
Religião	I, III, IV
Ciências Naturais	III

Fonte: Quadro elaborado pela autora, com base no arquivo de documentação escolar do Ginásio São José.

De acordo com o quadro acima, percebe-se que o Ginásio procurou se adaptar ao máximo as exigências estabelecidas pela legislação vigente no período. Porém, as mudanças que o Ginásio passou não pararam com as Leis Orgânicas, e mais tarde uma nova Lei foi promulgada, onde estabeleceu normas para a educação em âmbito nacional, a Lei nº 4.024/61, a primeira Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Romanelli (1986, p. 179) acredita que “nenhuma lei é capaz, por si só, de operar transformações profundas, por mais avançada que seja, nem tampouco de retardar, também por si só, o ritmo do progresso de uma dada sociedade”.

Sendo assim, entende-se que é necessário uma série de processos, ela depende de infraestrutura, dos objetivos, inclusive de quem as aplica. Essa Lei traz consigo como principal objetivo, o princípio de liberdade, solidariedade, direitos e deveres dos cidadãos, respeito à dignidade, entre outros destacados no seu Art. 1º, conforme abaixo:

Art. 1º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:

- a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;
- b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;
- c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;
- d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;
- e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;
- f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;
- g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça. (Lei nº 4.024, 1961)

Essa nova Lei não alterou muita coisa, e sua vantagem foi de não ter estabelecido um currículo fixo, com isso o currículo acabou ficando o mesmo da legislação anterior, e assim as instituições puderam anexar algumas matérias optativas, compondo o seu de acordo com os materiais que dispunham.

O Ginásio São José manteve seu currículo até 1972, e só alterou com a reforma do ensino de 1º e 2º graus, com a nova LDB nº 5.692/71, essa lei foi criada para reformular o modelo educacional primário e médio, fazendo com que esses

dois níveis fossem integrados, onde houvesse uma maior preparação para uma formação profissional, pois como havia uma grande demanda e pressão para vagas em universidades, então se o candidato tivesse uma formação mais profissional não se preocuparia em continuar lutando por uma formação em curso superior.

Os objetivos dessa Lei 1º e 2º graus visavam à melhoria econômica do País e o aumento da escolarização do trabalhador, pois deste modo, com a crescente industrialização, a exigência de uma mão de obra mais qualificada era maior também. Assim, os alunos já saíam do ensino fundamental com mais experiência, e isso seria suficiente para que o sujeito fosse inserido na indústria, sem uma escolarização em nível superior o trabalhador não poderia exigir melhores condições salariais, assim o mercado de trabalho teria mão de obra com produtividade, porém mais barata.

Como o Ginásio São José já atendia alunos do curso Ginasial, o mesmo precisou adequar-se a nova Lei nº 5.692/71, implementando o ensino de primeiro grau a partir de 1972. A instituição passou por uma avaliação das instalações para verificar se poderia atender essa nova adequação, e deste modo foi considerada satisfatória, tendo de adequar o currículo escolar conforme o que a nova lei estabelecia. O ensino de 1º grau foi autorizado pelo Governador do Estado, Jayme Canet Júnior, através do Decreto nº 2.854.

O ensino de 1º grau correspondia ao ensino de 1ª a 8ª série, o mesmo poderia ainda ser composto do curso primário, (até a 4ª série) e curso ginasial (até a 8ª série), era destinado a atender alunos com idade mínima de sete anos, correspondendo a oito anos letivos, indo assim até os 14 anos de idade, deste modo houve a junção do curso Ginasial com o curso Primário.

Essa Lei definia que o ensino de primeiro grau teria a duração de oito anos letivos e deveria ter 720 horas de atividades anuais. A mesma Lei estabelecia um currículo onde seria disposto da seguinte forma, núcleo comum, elaborado em âmbito nacional e uma parte diversificada com o objetivo de iniciação ao trabalho, onde deveria atender as necessidades locais e individuais dos alunos.

De acordo com a proposta de ensino, o Ginásio São José dispôs seu currículo da seguinte forma:

Quadro 3 – Matérias ofertadas no período de 1972 a 1981 para o Ensino de 1º Grau.

Educação Geral		
Núcleo Comum	Áreas	Matérias
	Comunicação e expressão	Língua Portuguesa; Educação Artística Educação Física
	Estudos sociais	Geografia; História; Organização Social e Política Brasileira (OSPB); Educação Moral e Cívica; Ensino Religioso.
	Ciências	Matemática; Ciências Físicas e Biológicas Programa de Saúde.
Formação Especial		
Parte Diversificada	Comunicação e expressão	Língua Estrangeira Moderna
	Iniciação às técnicas de trabalho	Técnicas Comerciais e Educação para o lar

Fonte: Quadro elaborado pela autora, com base no arquivo de documentação escolar do Ginásio São José.

Com base no quadro, percebe-se que o Ginásio São José atendeu as exigências estabelecidas pela nova Lei, com isso disponibilizou em sua grade curricular as matérias obrigatórias no núcleo comum, divididas com as matérias de Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Ciências, e na parte diversificada as matérias de Comunicação e expressão onde eram ensinadas línguas estrangeiras modernas e também a de Iniciação às técnicas de trabalho que tinham como conteúdos as técnicas comerciais e educação para o lar.

Como a lei estabelecia que essa parte diversificada atendesse as necessidades locais e individuais, foi delimitado as técnicas comerciais, onde os alunos tinham aulas de datilografia. O objetivo era preparar para iniciar a vida profissional e como a cidade da Lapa já tinha comércio, o curso de datilografia auxiliava quando fossem procurar um trabalho. Já na parte de educação para o lar, a mesma abrangia costura, pintura e outras técnicas para serem aplicadas no lar. Geralmente nessa matéria, o público maior eram meninas. Porém, isso não impedia a participação também dos meninos, os quais passaram a estudar no ginásio no ano

de 1938, onde foi encontrado o primeiro registro de matrículas dos alunos, as atividades eram diversas, aprendiam costurar, pintar, bordar, faziam tapetes, entre outros.

O Ginásio São José desde sua inauguração até o dia que fechou foi particular, com isso os alunos que estudavam ali tinham que pagar uma mensalidade, a maioria dos alunos eram filhos e filhas de famílias de uma classe social mais abastada. O ginásio ainda concedia bolsas de estudos para as crianças que não tinham condições de pagar, assim elas teriam a oportunidade de estudar também nas mesmas condições que as demais, essas bolsas eram concedidas, pois a congregação tinha essa prerrogativa, de caridade e ajuda aos necessitados, mas além disso também precisava seguir a legislação, a qual destacava a disponibilidade de bolsas de estudos para os alunos, deste modo a Lei nº 5.692/71 esclarece no artigo 62, § 2º que:

O Poder Público estimulará a organização de entidades locais de assistência educacional, constituídas de pessoas de comprovada idoneidade, devotadas aos problemas sócio-educacionais que, em colaboração com a comunidade, possam incumbir-se da execução total ou parcial dos serviços de que trata este artigo, assim como da adjudicação de bôlsas de estudo. (BRASIL, 1971)

Ainda é possível perceber que a instituição procurou atender a demanda industrial que havia na época, pois havia matérias que eram específicas para essa área, como os trabalhos manuais, cursos de datilografia, técnicas industriais, técnicas comerciais e educação para o lar.

Segue o quadro 4, elaborado com base nos livros de matrículas encontrados no arquivo do Ginásio, onde hoje funciona o Colégio São José, os registros são a partir do ano de 1949, onde iniciou o curso ginásial, até o ano de 1981, data de encerramento das atividades. Por meio deste quadro, percebe-se que alguns anos não havia registros de matrículas de meninos, e o número de meninas predominava, foi a partir do ano de 1974 que o registro de alunos do sexo masculino passou a aumentar, mas a predominância ainda era do sexo feminino.

Quadro 4 - número de alunos matriculados entre os anos de 1949 -1981

ANO	NÚMERO DE MATRÍCULAS	MENINAS	MENINOS
1949	19	19	-
1950	35	35	-
1951	48	48	-
1952	60	60	-
1953	84	70	14
1954	100	82	18
1955	101	83	18
1956	111	94	17
1957	116	99	17
1958	149	133	16
1959	123	122	1
1960	102	101	1
1961	95	94	1
1962	104	103	1
1963	111	111	-
1964	119	119	-
1965	138	138	-
1966	150	150	-
1967	145	145	-
1968	134	134	-
1969	128	128	-
1970	116	116	-
1971	116	116	-
1972	104	104	-
1973	155	135	20
1974	297	138	58
1975	337	236	101
1976	333	228	105
1977	313	189	124
1978	310	185	125
1979	301	191	110
1980	166	79	87
1981	142	71	71

Fonte: Quadro elaborado pela autora, com base nos livros de matrículas. (2015).

Possivelmente justifica-se o número de matrículas de meninos menor devido ao público alvo da instituição ser de meninas. Pois as atividades desenvolvidas também eram mais focadas nas atividades para meninas, como fazer enxovais e costura. Percebe-se que as matrículas aumentam no ano de 1973, ano em que o Ginásio precisou se adequar à nova LDB nº 5.692/71 e deste modo a grade curricular passou a atender de maneira geral todos os alunos, inclusive os meninos, com a parte diversificada dessa lei, onde os alunos faziam cursos de técnicas industriais e também de datilografia, e ao término recebiam um certificado que comprovava o estudo.

CAPÍTULO 3

3. CULTURA MATERIAL E PATRIMÔNIO: UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE AS TECNOLOGIAS DE ENSINO

Este capítulo tem como propósito apresentar os recursos tecnológicos e objetos didáticos, utilizados para o ensino no Ginásio São José na cidade da Lapa, entre os anos de 1949 a 1980. Tais materiais tinham grande importância para o ensino dos alunos do Ginásio, pois auxiliavam no enriquecimento das aulas e também das aulas ofertadas em contraturno.

As irmãs trouxeram com elas vários instrumentos e recursos tecnológicos para auxiliar na educação dos alunos. Esses instrumentos eram fornecidos pela Congregação das Irmãs de São José com sede na França. Alguns dos recursos poderiam ser utilizados em todas as matérias, como por exemplo, o projetor de slides manual, o mesmo era ligado na luz, e se utilizava em qualquer das matérias para auxiliar.

Objetos e recursos tecnológicos sempre fizeram parte da cultura escolar. Deste modo, a ideia de inserir novos recursos e novas tecnologias no espaço escolar, vêm ganhando forças, com o objetivo de auxiliar os docentes e assim, potencializar suas aulas criando novas práticas pedagógicas de acordo com Souza (2013):

Vista da perspectiva histórica, pode-se dizer que a relação entre materiais escolares e renovação pedagógica consolidou-se no ensino primário especialmente a partir do século XIX quando, em vários países do ocidente, foram experimentadas novas modalidades de organização da escola elementar visando à universalização do ensino. (SOUZA, 2013, p.104)

Analisando a citação de Souza (2013), percebe-se que há algum tempo a educação está utilizando tecnologias que são concebidas em diferentes épocas. Deste modo, a utilização de recursos e objetos tecnológicos já está há vários anos sendo inserida, visando a melhoria das práticas escolares.

Foi nas décadas de 1960 e 1970, mais especificamente, que os recursos tecnológicos estiveram no meio dos discursos sobre a modernização do ensino no

Brasil. Segundo Souza (2013), defendia-se a utilização de recursos e equipamentos audiovisuais com fins educacionais.

Ainda Souza (2013) afirma que nessa época:

Referia-se às tecnologias sofisticadas, como os programas de teleducação e rádio educativo, e aos objetos didáticos mais simplificados: álbum-seriado, folhetos, flanelógrafos, gráficos, cartazes, diafilmes, diapositivos, filmes, exposições, rádio, imprensa, quadro-negro, fantoches, jornal de parede, dioramas, modelos, espécimes, sistema de alto-falante, jornal, revistas, dobradura, retroprojektor, mapas-relevo, fotografia, livro, hectógrafo, entelagem, pantógrafo, desenho, mural didático, figuras e ilustrações. (SOUZA, 2013, p 116)

De acordo com a autora, percebe-se que as tecnologias não abrangem apenas computadores, celulares e *tablets* entre outros, mas que a tecnologia era vista em vários objetos que vinham trazer melhorias nas aulas e estimular mais o aluno na sua aprendizagem. O século XX é marcado pela concepção pedagógica da Escola Nova, em que os objetos são vistos como medidores de experiência e de atividade, esse método ou essa nova concepção, segundo Souza (2013):

[...] passaram a ressaltar a necessidade de adaptar a escola ao meio social, preparando as novas gerações para viverem em uma civilização em mudança, o que implicava, entre outros aspectos, a adoção de novas tecnologias. (SOUZA, 2013, p 108)

Deste modo, no próximo item, serão apresentados os recursos tecnológicos e didáticos que foram utilizados pelas irmãs na educação dos alunos, no período de 1949 até 1980, que engloba a ênfase de uma concepção educacional baseada na aplicabilidade da tecnologia para o ensino.

3.1 OS RECURSOS MATERIAIS PARA O ENSINO NO GINÁSIO SÃO JOSÉ, DA LAPA, NAS MATÉRIAS DE FORMAÇÃO GERAL

Este item traz uma abordagem dos processos educativos nos anos de 1949 até 1981, e busca resgatar aspectos da cultura material escolar do Ginásio São José, parte das fotos dos materiais provém do acervo que se encontra de posse das Irmãs no Convento São José, em Curitiba, no estado do Paraná. Os materiais aqui

apresentados eram utilizados na instrução primária e outros refletem a preparação para o trabalho manual, onde com o decorrer dos anos é possível verificar a introdução de mais tecnologias, como máquinas e outros processos industriais que vão trazendo mais complexidade para o ensino.

Para embasar esta afirmação, Palma (2013) relembra que:

Os objetos escolares podem ser analisados desde muitas perspectivas. Além de nos apresentarem uma materialidade (madeira, ferro, ardósia, cor, forma, dimensão, peso, entre outras) e uma função (podem servir, por exemplo, para jogar, para aprender a contar, a ler...) cada objeto dá-nos mais informações acerca dos seus utilizadores, do nível de desenvolvimento da sociedade onde se produz ou utiliza e das técnicas de produção da indústria, dos métodos de ensino utilizados e do estado de atualização dos professores em termos pedagógicos, entre outras perspectivas possíveis. (PALMA, 2013, p.134)

Sendo assim, pode-se perceber que ao analisar objetos, em diversas perspectivas, o mesmo traz informações de quem os usa, seja professor, aluno, pois há uma intenção de quem o produz e de quem o usa, cada objeto tem um intuito de formar para algo, seja para a indústria, para a vida social, pessoal ou outro.

Por esse motivo, Ciavatta (2009) ressalta que:

A educação tem seu sentido fundamental como formação humana e humanizadora com base em valores e em práticas ética e culturalmente elevados, e também ocorre em formas pragmáticas a serviço de interesse e valores do mercado (CIAVATTA, 2009, p.40).

Deste modo, entende-se que a educação ocorre tanto para formação humana como também para a formação para o mercado de trabalho, com valores, práticas e interesses. É possível ainda acompanhar no decorrer dos anos que os equipamentos e materiais didáticos vão ganhando toques mais tecnológicos, os quais são apropriados pelos alunos e professores nas diversas atividades desenvolvidas, expressando assim a cultura material escolar. (CIAVATTA, 2009).

No mesmo sentido de analisar a cultura material escolar, Palma (2013) destaca que:

Os objetos da escola ajudam-nos, com o auxílio de outras fontes de informação, a conhecer o funcionamento interno de uma instituição educativa inserida num determinado contexto histórico, mas também a compreender o processo coletivo de transmissão de conteúdos, valores e modos de vida de uma sociedade. (PALMA, 2013, p.134).

Concordando com a autora, os objetos nos trazem de certa forma uma materialidade e também funções, nenhum objeto é neutro, sempre traz consigo uma intencionalidade, valores, crenças, podendo compreender assim as formas de vida de uma sociedade e da família.

Com base em Alves (2010), a escola passou a se impor perante a família nas décadas de 1950 e 1960. Assim muitos traços foram assimilados por grande parte da sociedade, até mesmo por quem não tinha um acesso à educação escolar. Deste modo, com a expansão do trabalho industrial e a vida urbana, muitos produtos de diferentes tradições foram inseridos na cultura escolar e repaginados pela escola para os saberes escolarizados.

As fontes dessa pesquisa provêm de documentos escritos e de fotografias tiradas de arquivos e objetos escassos dessa instituição. Pretendeu-se fazer uma análise histórica destes recursos e objetos, pois de acordo com Correa (2013, p. 184), “esses objetos trazem sobremaneira, do ponto de vista histórico, conteúdos de ideários educativos que se intencionou disseminarem na sociedade brasileira”. Contudo, não foi possível adentrar nas práticas escolares a partir dos usos que professores e alunos faziam desses objetos.

Assim, estes objetos mostram de alguma forma a intencionalidade da escola para com a sociedade, e por meio deles é possível adquirir informações acerca das práticas tanto do passado quanto do presente da escola. Penin (2013, p. 2) afirma que “a materialidade atravessou a sua história tanto no plano dos seus rituais, rotinas e hábitos de ensino como na seleção de objetos de representação”. Sendo assim, percebe-se com o passar dos anos a evolução da materialidade, dos objetos escolares, onde alguns se tornam mais tecnológicos substituindo os mais antigos, mas todo esse aparato de objetos auxilia na construção da história e da cultura escolar e a sua materialidade. Com base em Palma (2013), menciona-se que a partir de 1919, “a utilização de materiais manipuláveis assume um significado importante, aumentando as designações de material que devia constituir um recurso para o ensino da Matemática”. Ou seja, era preciso para o ensino alguns materiais que seriam os mínimos necessários. Já, a partir de 1935, a exigência diminuiu e passou assim a exigir apenas o quadro negro, a balança ordinária, a coleção de pesos e medida e a coleção de sólidos geométricos.

No ginásio São José, verificou-se a presença da *balança ordinária*, onde a mesma era chamada também de *balança analítica*. Essa balança foi utilizada especialmente na matéria de Matemática para ensinar o conteúdo de pesos e medidas aos alunos do curso Ginásial.

Figura 5 - *Balança Analítica ou Balança Ordinária*



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Ainda como material para ensino da Matemática, como também da matéria de Economia Doméstica, do Curso Ginásial, verificou-se que fazia parte da materialidade do Ginásio a coleção de *moedas antigas*. O acervo investigado guarda um montante de moedas do Brasil e também de outros países. Propondo aos alunos a aprendizagem da representação dos valores, uso do dinheiro e comparativo com outros países, observa-se que a técnica conhecida como numismática, que significa a ciência que estuda as moedas e medalhas através do tempo, era utilizada.

Abaixo seguem imagens destes recursos.

Figura 6 - Coleção de *moedas antigas* do Brasil e de outros países.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

A matéria da Matemática era uma das principais a utilizar os diferentes recursos materiais disponíveis. Além das moedas antigas, utilizava-se também as *calculadoras manuais*. Essas também faziam parte da educação escolar, pois com elas os alunos aprendiam muito de Economia, além de auxiliar também na realização das operações matemáticas.

A totalidade dessas calculadoras foi utilizada pelas irmãs nas aulas de Matemática, durante o período de 1950 a 1981. Até então, não se tinham calculadoras eletrônicas. Sabe-se que há vários anos os humanos procuram facilitar as suas vidas e assim construíram máquinas para facilitar esse processo, e para facilitar o cálculo diversos instrumentos foram desenvolvidos, como o ábaco, réguas de cálculo e a calculadora.

Deste modo, Schiffli (2006) aponta sobre detalhes de calculadoras na época de 1950.

Na década de 1950, havia venda, desde ábacos e réguas de cálculo, até computadores digitais e analógicos, passando por uma grande variedade de calculadoras mecânicas e eletromecânicas que eram capazes de fazer quatro operações aritméticas, sendo que algumas vinham com a opção de impressão dos resultados. (SCHIFFLI, 2006, p.18)

Essas calculadoras tornaram grandes aliadas da educação, onde auxiliavam no entendimento da matemática, e algumas delas ainda permanessem até hoje em

utilização, a tecnologia evoluiu muito e com isso as calculadoras também se modernizaram.

De acordo com Teixeira (2013, p.172), as calculadoras eletrônicas aparecem por volta da década de 1970, “e rapidamente os instrumentos de cálculo até aí concebidos e usados ficaram ultrapassados”.

Porém, como essas calculadoras foram lançadas em meados de 1970 e o Ginásio São José, por sua vez, era um ginásio localizado no interior, a uma significativa distância da capital, essa tecnologia chegou apenas anos mais tarde. Os alunos e professores usavam a calculadora manual, e a utilizaram até os anos de 1980, quando o ginásio encerrou as atividades escolares.

Seguem imagens das calculadoras manuais, conforme descrito anteriormente são calculadoras que permitem a impressão dos resultados:

Figura 7 - Calculadora Manual Olivetti, anos 1950.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Figura 8 - *Calculadora Manual Remington*, anos 1950 a 1980.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Figura 9 - *Calculadora Manual Facit*, anos 1960 a 1980.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Na matéria de Desenho, a mesma foi obrigatória por cerca de 30 anos, isso corresponde aos anos de 1930 até 1960. Machado & Flores (2011) descrevem algumas etapas que a matéria de Desenho passou:

Na década de 1940, entre 1942 e 1946, ocorreu uma nova reforma educacional, conhecida como Reforma Capanema. Essa reforma estabeleceu três modalidades de Desenho para o nível ginásial: Desenho do natural, Desenho decorativo, Desenho geométrico, incluindo nas últimas séries noções de Desenho projetivo e de perspectiva. Para o curso colegial e científico, determinou que na primeira e na segunda séries deveriam ser contemplados o ensino do Desenho do natural, Desenho geométrico e projetivo, decorativo e convencional. Para a terceira série, estariam reservados o Desenho do natural, projetivo e técnico. (MACHADO & FLORES, 2011, p. 700)

Sendo assim, percebe-se a importância que a matéria de Desenho tinha nos espaços escolares. Porém, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 4.024 de 1961 a matéria passou a ser obrigatória complementar, situação essa que mudou com a LDB 5.692/71, em que o Desenho passou a compor a parte diversificada.

As aulas de Desenho tornavam-se muito interessantes, pois haviam vários recursos educativos para a aprendizagem dos alunos, muitos instrumentos que ensinavam várias técnicas. Penim (2013) aponta o Desenho como matéria escolar e destaca:

A identidade histórica do desenho como matéria escolar esteve ligada a práticas e conceitos empíricos. Ela foi colocada do lado da prática (por oposição à teoria, que ficou a cargo de outras matérias escolares). A materialidade atravessou a sua história tanto no plano dos seus rituais, rotinas e hábitos de ensino como na seleção de objetos de representação. (PENIN, 2013, p.2)

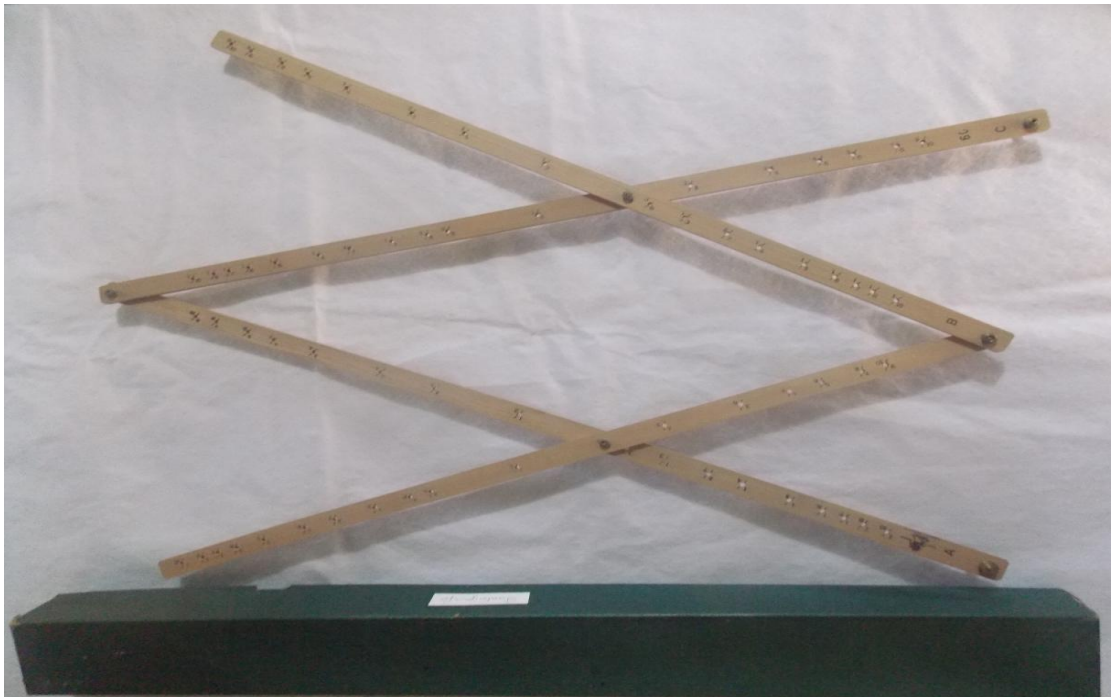
Deste modo, percebe-se que a materialidade é uma grande aliada nas matérias escolares, sempre esteve ligada aos rituais e práticas, assim como na seleção de objetos para a aprendizagem.

O Ginásio São José teve sua história composta por muitos objetos que constituíram sua materialidade, e na matéria de Desenho, o mesmo contava com uma diversidade de recursos que auxiliavam nesse processo educacional.

Um dos instrumentos utilizados nessa matéria foi o *Pantógrafo*. O mesmo foi inserido nas matérias de Educação Artística e Desenho. O instrumento tinha como método aumentar ou diminuir desenhos, essa técnica exigia mãos firmes, pois assim

os desenhos eram copiados com bastante exatidão, era conhecido também como compasso de redução. Este recurso ainda é muito utilizado nas engenharias e também nas matérias de matemática no século XIX, onde saber utilizar alguns recursos, inclusive o pantógrafo, era uma condição mínima e necessária para aprovação de candidatos à docência da Matemática nos liceus. (TEIXEIRA, 2013, p. 163).

Figura 10 – *Pantógrafo* – utilizado na matéria de Desenho.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Outro recurso utilizado para a mesma finalidade é o *Chambre Claire* (aparelho Francês). Esse instrumento era mais tecnológico, e também aumentava ou diminuía desenhos, esse recurso também auxiliava nas aulas de Desenho.

Figura 11 – *Chambre Claire* – utilizado na matéria de Desenho.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

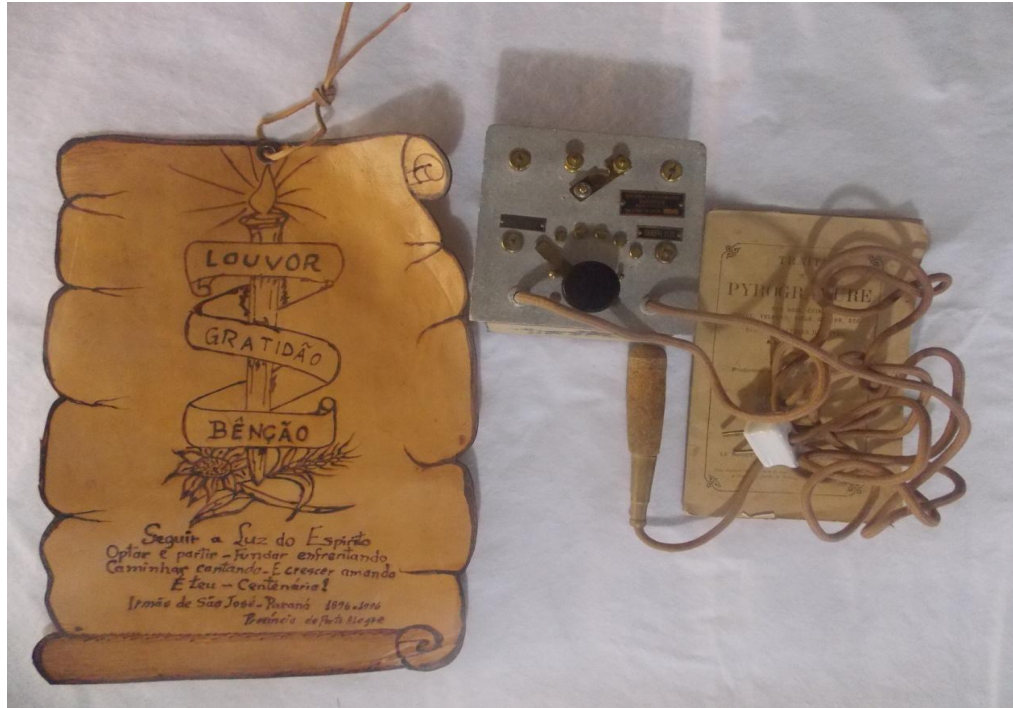
O *Pirógrafo* é um instrumento utilizado para fazer desenhos em papel, couro, madeira ou outro material firme. Esse instrumento consistia em gravar imagens em materiais específicos que fossem firmes, assim poderia fazer qualquer tipo de artesanato.

Braga (2015) esclarece o uso do pirógrafo:

Para trabalhos manuais e artesanato que envolvam a gravação em madeira ou couro, o pirógrafo é uma ferramenta indispensável. Com uma ponta quente ele pode gravar figuras e símbolos rapidamente. O que descrevemos neste artigo é a montagem de um pirógrafo com controle de temperatura feito a partir de um transformador comum. O pirógrafo é um aparelho que possui uma ponta aquecida eletricamente, normalmente de fio de nicromo. Ao ser tocada em objetos de madeira, couro ou papelão ela grava à quente uma imagem que tem seu formato, possibilitando assim a criação de desenhos decorativos. (BRAGA, 2015)

Com base no autor, percebe-se que com este instrumento é possível fazer vários trabalhos manuais, abaixo segue a imagem do *Pirógrafo* e um trabalho feito em couro. Possivelmente, esse exemplar deva ter sido feito por um aluno, tendo em vista que no acervo consultado, foi possível observar vários exemplares de trabalho confeccionados pelos alunos que frequentavam as matérias.

Figura 12 – *Pirógrafo* – utilizado na matéria de Desenho.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Nas aulas de pintura os materiais eram variados, como tintas, pincéis, telas e outros materiais que poderiam ser adquiridos em casa mesmo, como papelões. A matéria de Desenho combinava a utilização de objetos para a pintura e trabalhos manuais, onde de certa forma ajudavam na educação, pois o aluno interiorizava alguns gestos automáticos que seriam úteis ao trabalho, e o desenho exigia algumas regras práticas e atenção.

Com isso Penim (2013) destaca que “podemos afirmar que a educação do corpo através dos materiais foi continuada e repetida”. Sendo assim, as aulas de desenho e a utilização dos materiais, fazia com que os alunos se aproximassem dos instrumentos de trabalho.

Seguem alguns dos materiais utilizados nas aulas de Educação Artística e alguns trabalhos dessa matéria.

Figura 13 – Materiais para pintura – utilizados nas aulas de Educação Artística.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

O ensino de Educação Artística foi inserido no currículo escolar a partir do ano de 1971, com a Lei nº 5.692/71, e foi nomeada como Educação Artística.

Deste modo percebe-se que o ensino de Educação Artística não era considerado tão importante e, sendo assim, essas aulas deixavam de ser interessantes para os alunos. Porém, para tornarem as aulas mais atrativas, os professores que lecionavam no Ginásio São José utilizavam de alguns objetos, como por exemplo as máquinas fotográficas, as mesmas eram de várias épocas e com isso os professores ensinavam a evolução da fotografia, e de como as máquinas vinham evoluindo com a tecnologia e com o passar dos anos.

Figura 14 – Máquinas fotográficas – utilizadas nas aulas de Educação Artística.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Na matéria de Geografia Geral e também de Geografia do Brasil, as irmãs da Congregação de São José de Chambery utilizavam de recursos como o *Planetário*. Essa tecnologia era utilizada para mostrar as posições das estrelas e o *globo terrestre* para ensinar a localização dos países, assim os alunos tinham algo mais concreto para se basear.

Carvalho & Araújo (2009) destacam:

Dentre os recursos didáticos utilizados para o ensino da Geografia, o globo terrestre é um dos mais interessantes, especialmente quando há uma necessidade de tratar de temáticas relacionadas ao espaço planetário. (CARVALHO & ARAÚJO, 2009, p.3)

Figura 15 – *Planetário*, utilizado na matéria de Geografia



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Figura 16 – *Globo terrestre*, utilizado na matéria de Geografia.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Outra matéria que utilizava de diversas tecnologias foi o Canto Orfeônico, o mesmo teve seu início no Brasil em meados dos anos 1930, com grande apoio e projetos do Maestro Villa-Lobos. Contava com apoio de representantes da Escola Nova, a batalha por ter seus projetos aprovados e o canto passar a ser didático não foi fácil, e a música só ganhou força nas escolas em dois momentos, em 1931, com a reforma Francisco Campos e em 1942, com a Reforma Capanema. Foi a partir desses marcos que o canto orfeônico passou a ser obrigatório nas escolas, no curso ginasial. (LEMOS JUNIOR, 2005).

A ideia de trabalhar cantando relacionava-se a uma outra grande preocupação do governo getulista: o trabalho. A Música serviria como uma forma de compensação ao trabalho. Villa-Lobos também pretendia atingir os operários, que eram freqüentemente convidados a participar das concentrações orfeônicas promovidas pelo maestro, durante as décadas de 1930 e 1940. (LEMOS JÚNIOR, 2005, p. 24)

Entende-se que a música era um meio também de organização, de matéria, educar, além de estimular o patriotismo nos alunos, onde eram ensinados canções e hinos patrióticos, com os ideais voltados ao Estado Novo. Porém, o Canto Orfeônico permaneceu nas escolas mesmo com as mudanças políticas e logo algumas mudanças ocorreram. Em 1946, a distribuição das aulas de canto foi alterada e passou a ser obrigatória a avaliação dessa matéria, passou ainda a compor todas as séries do curso ginasial.

Com base nas referências encontradas sobre o canto orfeônico, foi possível fazer uma análise dos instrumentos que possivelmente foram utilizados pelas irmãs do ginásio São José para ensinar o Canto Orfeônico.

O *Métronome* ou *Metrônomo* foi criado por Dietrich Nikolaus Winkel em 1812, e utilizado pela primeira vez por Ludwig van Beethoven em 1917. Ele é um instrumento utilizado para medir o tempo e o andamento da música, indispensável para estudantes de instrumentos musicais, pois com ele quanto mais você utiliza, mais precisa a música fica, pois se utiliza assim um tempo musical padrão ao longo da composição. Este instrumento pode também ser usado para aulas de canto, onde auxiliava na organização e na hora do canto, assim os hinos, músicas, seriam mais precisos e os alunos conseguiam acompanhar as marcações dos hinos e músicas cantadas.

O *Métronome* foi utilizado pelas irmãs de São José, na década de 1950, durante as aulas de canto orfeônico, indicando com exatidão os passos musicais e o tempo da música a ser cantada.

Figura 17 – *Métronome* – instrumento utilizado para indicar com exatidão os andamentos das peças musicais.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Ainda foram encontrados outros materiais que faziam parte da matéria de canto orfeônico, como o *teclado*, a *cítara*, o *violino* e o *acordeão*.

Figura 18 – *Teclado* – instrumento musical utilizado pelos alunos.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Figura 19 – *Cítara* - instrumento musical utilizado pelos alunos.



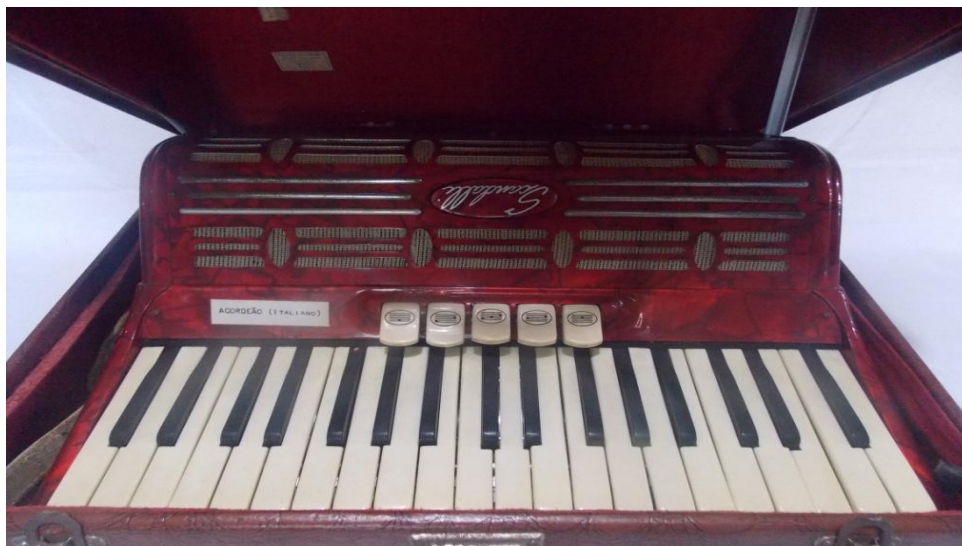
Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Figura 20 – *Violino* - instrumento musical utilizado pelos alunos.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Figura 21 – *Acordeão Italiano* - instrumento musical utilizado pelos alunos.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR

Outro instrumento que provavelmente foi utilizado pelos alunos e professores do Ginásio São José foi o *rádio*. Este recurso pode ter sido usado nas aulas de Canto, onde colocavam-se os discos de vinil no aparelho para que os alunos pudessem acompanhar as músicas que seriam cantadas por eles.

Abaixo segue imagem de um dos rádios utilizado na matéria de música ou canto orfeônico.

Figura 22 – *Radiola Manual* - instrumento musical utilizado pelos alunos.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Porém, com o passar do tempo e com as mudanças na educação, o canto orfeônico passou a não fazer mais parte do currículo escolar. Na LDB nº 4.024 já não era mencionado, passando a dar lugar à matéria de Educação Artística. Já, nesta matéria, a música poderia fazer parte. No Ginásio São José, a música fez parte das aulas até o final, não como matéria, mas praticada nas aulas de Educação Artística.

3.2 OS RECURSOS MATERIAIS UTILIZADOS NAS AULAS ESPECIAIS

Conforme a Lei. nº 5.692/71, a parte diversificada poderia ficar a cargo dos Conselhos de Educação e relacionar algumas matérias para que os estabelecimentos de ensino estabelecessem as matérias que iriam compor a parte diversificada, o objetivo era de iniciação ao trabalho conforme citação abaixo:

§ 2º A parte de formação especial de currículo:

- a) terá o objetivo de sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho, no ensino de 1º grau, e de habilitação profissional, no ensino de 2º grau;
- b) será fixada, quando se destina a iniciação e habilitação profissional, em consonância com as necessidades do mercado de trabalho local ou regional, à vista de levantamentos periodicamente renovados.

§ 3º Excepcionalmente, a parte especial do currículo poderá assumir, no ensino de 2º grau, o caráter de aprofundamento em determinada ordem de estudos gerais, para atender a aptidão específica do estudante, por indicação de professores e orientadores. (BRASIL, Lei nº 5.692 de 1971).

Em consonância com essa Lei, o Ginásio São José estabeleceu a parte diversificada em que o aluno tinha como matérias, comunicação e expressão onde era lecionada a Língua Estrangeira Moderna, e a parte mais prática de Iniciação às Técnicas de Trabalho com conteúdos de Técnicas Comerciais e Educação para o Lar.

Geralmente a parte diversificada ocorria em aulas de contraturno, que visavam a formação dos alunos e uma formação que atendesse e preparasse o sujeito para a vida social e o mercado de trabalho, com isso algumas atividades eram desenvolvidas neste período, chamado de parte diversificada.

A matéria de Técnicas Comerciais ensinavam práticas de escrita em *máquinas de escrever* que poderiam ser aplicadas em seus futuros trabalhos, em escritórios ou outros, essa técnica consistia em digitar sem olhar muito nos teclados e com certa velocidade, era muito utilizada em escritórios na preparação de documentos.

Figura 23 – Máquinas de Escrever.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Ainda na parte diversificada, a mesma era composta pela matéria de Educação para o Lar, nessa matéria os alunos aprendiam diversas técnicas e práticas que poderiam ser aplicadas no lar e até mesmo na indústria, como a costura. Com essa técnica, as mulheres geralmente poderiam costurar para a família e se caso precisassem, também poderia costurar para fora.

Nas aulas de costura se ensinavam técnicas de diversas maneiras, como por exemplo fazer um bolso, consertar uma roupa, fazer casinhas para botões, entre outros. Geralmente, os ginásios dirigidos pelas irmãs e que ensinavam a costura tinham um álbum feito por elas mesmas, com diversos modelos de costura, assim ficava mais fácil para que os alunos aprendessem.

Segue imagem de uma *máquina de costura* utilizada pelas professoras e alunas para costurar e, também, um álbum com modelos de costura.

Figura 24 – Máquina de Costura – usada em aulas de contraturno.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Figura 25 – Álbum de costura – utilizado para ensinar métodos de costura.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Figura 26 – Aparelhos e material utilizados nas aulas de Educação Artística e trabalhos manuais.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Outros recursos utilizados nas matérias de Educação Artística e Trabalhos Manuais eram os *Boleadores*, instrumentos utilizados para fazer flores de tecido, formão, utilizados para esculpir e fazer artesanatos, canetas tinteiras para fazer os desenhos. Estes instrumentos foram utilizados até o ano de 1970, e essas matérias tanto as meninas quanto os meninos cursavam.

Figura 27 – Aparelhos e material utilizados nas aulas de Educação Artística e trabalhos manuais.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Os materiais da figura 28, possivelmente eram utilizados para confecção de trabalhos em couro, para marcar e fazer atividades manuais.

Figura 28 – Instrumentos manuais utilizados nas aulas de Educação Artística e trabalhos manuais.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

3.3 OS RECURSOS MATERIAIS UTILIZADOS NAS ATIVIDADES GERAIS DO GINÁSIO SÃO JOSÉ

Os recursos materiais utilizados pelo Ginásio em atividades gerais são aqueles que não faziam parte de uma matéria específica, mas que compunham os recursos tecnológicos utilizados na educação dos alunos. Como atividades gerais pode-se destacar os momentos que os alunos assistiam filmes e utilizavam a *máquina de cinema*; as atividades das diversas matérias que eram mimeografadas para os alunos e utilizavam o *mimeógrafo*; as *canetas tinteiro* que estavam presentes na maioria das atividades de escritas, e também nas aulas onde o *projektor de slides* era um recurso que auxiliava e complementava as aulas, assim esses recursos não eram específicos de uma matéria, mas de atividades gerais.

Como muitas meninas ficavam grande parte da sua vida escolar morando no Ginásio e só voltavam para a casa nas férias escolares, a instituição utilizava desses recursos para complementar os dias que não havia aulas, como exemplo os finais de semanas. Deste modo, a máquina de cinema foi de grande importância, assim como os outros recursos que faziam parte do cotidiano, mas que não tinham um objetivo específico em apenas uma matéria.

No Brasil, o cinema passou a fazer parte das escolas por volta dos anos 1920 e 1930, onde o objetivo seria de um movimento pelo uso de filmes nacionais e de educação, porém o Decreto nº 21.240, de 1932, fazia diversos apontamentos sobre o que podia e o que não podia, essa lei foi acompanhada de repressões caso os cinemas não atendessem aos critérios estabelecidos. Nas escolas, a grande dificuldade encontrada foi a compra dos projetores, pois estes instrumentos não eram tão baratos e o modelo de projetor 16mm custava em média 300 dólares. Para estimular a compra desse recurso, foi estabelecido que a instituição que comprovasse que tinha um, seriam disponibilizados para a mesma uma coleção de filmes educativos. Assim as outras escolas querendo ganhar os filmes acabavam adquirindo este recurso. (ROSA, 2012).

O Ginásio ainda utilizava de outros recursos e tecnologias para auxiliar na educação, como durante todo o período que o mesmo permaneceu na cidade e foi coordenado pelas Irmãs, alguns alunos, mais especificamente, alunas que moravam no interior da cidade, ficavam alojadas e internas também aos finais de semana.

Deste modo, como não tinha aula, o *Projektor Sonoro* ou *Máquina de Cinema* foi utilizado e fez parte da vida delas durante o tempo que ficaram morando no ginásio para passar filmes nos finais de semana.

Abaixo segue imagem do *Projektor 16 mm* utilizado pelo Ginásio:

Figura 29 - *Projektor Sonoro 16 mm* – (Máquina de Cinema): usado aos domingos para passar filmes aos estudantes internos.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Outro instrumento tecnológico utilizado pelas Irmãs e professores do Ginásio foi o *mimeógrafo*, instrumento tecnológico que ajudou na preparação de atividades para os alunos até o ano de 1980, quando o Ginásio fechou. Mas esse não era um recurso exclusivo desta instituição. Ele foi utilizado por muito tempo na maioria das escolas brasileiras. Esse instrumento era manual e fazia impressão de atividades em folhas de papel, para que houvesse a impressão era preciso escrever ou desenhar em um papel chamado de estêncil e colocar álcool em um recipiente na máquina para que ao rodar a alavanca a impressão saísse no papel. Esta máquina foi muito utilizada nas escolas, pois o custo era baixo e poderiam ser feitas várias cópias.

Abaixo segue imagem do *Mimeógrafo*, utilizado por vários anos no ginásio São José.

Figura 30 – *Mimeógrafo*: utilizado para fazer impressão de atividades aos alunos.



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Outro instrumento utilizado por muitos anos no Ginásio foi a *Caneta Tinteiro*, ou *Plumes à la ronde*, em Francês, essas canetas precisavam de prática para escrever corretamente, pois era preciso que não apertasse a mesma contra o papel, mas sim, deslizar suavemente, esses objetos foram utilizados pelos alunos para registrar suas atividades.

Figura 31 – *Plumes à la ronde* utilizados para escrever



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Outra tecnologia utilizada pelas professoras para facilitar suas aulas era o *Projektor de slides*. Esse recurso era ligado à luz, e colocado manualmente placas com as figuras para serem projetadas na parede.

Tal instrumento foi utilizado nas diversas matérias, como um recurso a mais, esta tecnologia fazia com que as imagens fossem projetadas em tamanho maior na parede ou tela, e poderia ser utilizado pelas professoras nas diversas matérias, ou em atividades que necessitassem.

Segue abaixo um projetor de slides italiano que foi trazido pelas Irmãs para ser utilizado na educação dos seus alunos.

Figura 32 - *Projeto de Slides Manual*



Fonte: Acervo histórico das Irmãs de São José, convento São José Curitiba – PR.

Deste modo, percebe-se que o Ginásio, talvez por ser mantido pela iniciativa particular da Congregação religiosa francesa e pelas famílias que lá enviavam seus filhos, se apropriava de diversos recursos para a educação na cidade, e por isso tornou-se um dos ginásios mais importantes na cidade da Lapa que contribuiu para a educação e instrução dos alunos.

CAPÍTULO 4

4. BLOG COMO RECURSO DIGITAL E MUSEU ESCOLAR VIRTUAL

4.1 DO MUSEU ESCOLAR AO MUSEU VIRTUAL DA ESCOLA: O BLOG COMO RECURSO DIGITAL

A História Cultural traz consigo o estudo dos objetos, os quais ajudam a compor a materialidade da escola. Assim como os documentos, livros, eles também são carregados de cultura e podem resgatar a memória. Deste modo percebe-se que vários objetos como carteiras, livros, trabalhos de alunos, e outros objetos usados nas aulas, podem dizer sobre métodos e práticas de ensino. Sendo assim, o Museu Escolar também faz parte desse meio reunindo vários objetos e materiais que ajudam no levantamento de estudos referentes ao ensino, as escolas, as práticas e ainda auxilia na preservação do patrimônio educativo.

No Brasil, instalou-se por 59 anos o Museu Pedagógico Nacional, denominado de *Pedagogium*, localizado no Rio de Janeiro. O mesmo foi criado em 1890, e teve como objetivo as reformas e melhoramento das carências da educação nacional, onde era ofertado aos professores, meios de instrução profissional, com materiais e métodos de ensino. (BORTOLOTI, CUNHA, 2013).

A ideia de preservação da herança educativa, da memória e acervos, foi introduzida na década de 1990 no Brasil, a partir disso, estudos e projetos visando à conservação passaram a ter uma maior importância. Trabalhos voltados a inventariação, busca por objetos e artefatos que constituem a cultura material escolar foram ganhando a consciência e a importância de serem transmitidas como legado. O Museu Escolar é muito importante para pesquisas, visando o levantamento da memória e cultura escolar ao longo dos anos.

Os museus escolares podem estar em distintos locais, presentes na sala de aula, ou em outro local ligado à escola, independente disso, o objetivo de auxiliar nas atividades pedagógicas é o mesmo, além do museu escolar, há também o museu pedagógico, focado na pesquisa e formação de professores. Esses museus são conhecidos por darem suporte ao ensino, pois os objetos dizem muito sobre a

sociedade e sobre a escola, pois os objetos e materiais apropriados pela educação de certa forma são associados aos saberes e práticas.

Para verificar essa importância, Felgueiras (2011, p.77) descreve que “conservar e tornar acessíveis as fontes são indispensáveis à verificação dos trabalhos e interpretações efetuadas, à continuidade de outras análises assim como à manutenção do registro desses testemunhos, como alicerces da memória”. Tendo por base tal afirmação, acredita-se que realmente com a preservação, muitos estudos poderão ser realizados, e atualizados com o passar do tempo, tornando o museu escolar um alicerce à memória.

Porém, ainda há muita dificuldade por parte da administração com o espaço, e muitas descartam o que consideram irrelevantes, guardando apenas comprovantes ou aquilo que acham que podem um dia precisar, com isso a memória também vai se apagando.

Com tudo isso, muitas vezes é necessário uma organização, uma inventariação de todo esse material, podendo selecionar, arquivar, descartar, onde tudo deve ser analisado de forma minuciosa, podendo ainda ser tratado de forma mais sofisticada, esse processo tem por fim disponibilizar o acesso e criar condições necessárias para novas investigações. Para todo esse processo que pode ser muitas vezes lento e cansativo, ou até mesmo disperso:

O inventário, a descrição e catalogação constituem-se como elementos essenciais da etnografia histórica da escola ou de outras instituições. São fundamentais para a definição de coleções de museus, arquivos, centros de memória e bibliotecas, mas representam apenas uma fase inicial do trabalho historiográfico. (FELGUEIRAS, 2011, p. 78)

Tendo realizado o processo de inventário, o mesmo irá contribuir para a visão da escola no seu interior, onde tal visão poderá por meio de objetos, entender as concepções de ensino e práticas escolares, ainda podem ser analisados novas práticas, ou métodos locais de acordo com as necessidades.

No entanto, há também o Museu Escolar como espaço de memória da escola. Deste modo, é possível à preservação da cultura material escolar, atentando assim ao patrimônio educativo, esses museus são construídos visando à memória, a lembrança do passado, locais estes para salvaguardar e disponibilizar diversos

objetos, coleções escolares, documentações, livros, materiais didáticos, entre outros recursos que auxiliam na construção do patrimônio educativo.

Todo esse repertório de materiais e documentos fazem parte da história da escola por vários anos e, preservados em museus, sua utilização torna-se importante para investigações, de modo a ampliar os conhecimentos dos processos educativos na sociedade.

Possamai destaca:

Além da edificação, bem cultural de maior vulto, são inúmeras as instituições escolares que guardam acervos de diversos tipos: mobiliário, cadernos escolares, manuais e materiais didáticos, entre outros. Não raras vezes essas coisas materiais, escritas e visuais formam memoriais, acervos e museus escolares. A constituição desses espaços também tem uma historicidade que merece ser pesquisada, pois expressa a relação da escola e dos sujeitos envolvidos com o seu passado e com o passado da educação. (POSSAMAI, 2012, p.127)

Conforme a autora menciona, esses espaços são de tal importância, pois guardam a memória da educação, em que essas ajudam no entendimento do processo e a relação entre escola, sujeitos e sociedade, resgatando a memória da educação no passado.

A congregação das Irmãs de São José de Chambery já possui um espaço de memória da escola. Trata-se de um museu escolar localizado na cidade de Curitiba, na Avenida São José, Bairro Cristo Rei. A ideia é que se efetive um lugar de memória que extrapole os limites físicos. E ainda, onde os sujeitos escolares que passaram pela instituição possam interagir.

Neste trabalho, se fará uso do Museu Escolar como lugar de memória da escola. Porém, este museu será em forma de um repositório digital, e será chamado de Museu Virtual, onde o mesmo foi construído na forma de um Blog. Por meio dele, os alunos que estudaram no Ginásio poderão interagir com fotos, histórias e memórias da escola.

Ainda, com o Blog, é possível analisar a importância do uso das tecnologias para a divulgação das informações, pois essa tecnologia pode ser utilizada com diversos propósitos no campo educacional, atendendo assim diferentes necessidades, sejam elas acadêmicas ou científicas. Essa ferramenta pode ser entendida, segundo o autor Gomes (2005):

É uma página na Web que se pressupõe ser atualizada com grande frequência através da colocação de mensagens – que se designam “posts” – constituídas por imagens e/ou textos normalmente de pequenas dimensões (muitas vezes incluindo links para sites de interesse e/ou comentários e pensamentos pessoais do autor) e apresentadas de forma cronológica, sendo as mensagens mais recentes normalmente apresentadas em primeiro lugar. (GOMES, 2005, p.311)

Deste modo, o Blog pode ser uma grande ferramenta de divulgação de ideias, de pesquisas, um espaço de partilha, onde a participação de todos seja importante para o repositório de imagens, histórias, relatos e também de novas informações.

O Blog é uma abreviação de *Weblog*, que significa registro eletrônico na internet. O Blog tem uma facilidade maior do que um site convencional, pois os registros para atualização são muito mais dinâmicos. Para construir um Blog é preciso conhecimento de informática, e seu uso pode ser em várias áreas, inclusive na Educação, ele pode auxiliar nas disciplinas, onde torna as aulas mais atrativas e dinâmicas, como também na divulgação de pesquisas e buscas de novas informações.

Atualmente, o Blog é utilizado muitas vezes como diário pessoal, mas vai além disso, pois ele mostra-se como uma ferramenta colaborativa, capaz de atender diversas necessidades, tanto pedagógico como científico, através dele é permitido uma interação entre pesquisadores e colaboradores.

Uma importante contribuição do Blog é utilizá-lo como uma ferramenta alternativa no processo de produção científica, onde o pesquisador poderá buscar novos dados e referências, permitindo a troca de conhecimento entre pesquisadores e outros que possam se interessar pelo mesmo objeto de pesquisa. Neste sentido de divulgação e interação com novas informações, é possível disponibilizar artigos, imagens, relatos que contribuam para um repositório de histórias e memórias.

O uso do Blog pode funcionar além de uma estratégia educativa, como um processo de contribuições no processo do trabalho científico, pois ao contar com a possibilidade de interlocutores que podem contribuir para a pesquisa e para novas informações, isso faz com que se torne uma ferramenta construtiva avançando os conhecimentos.

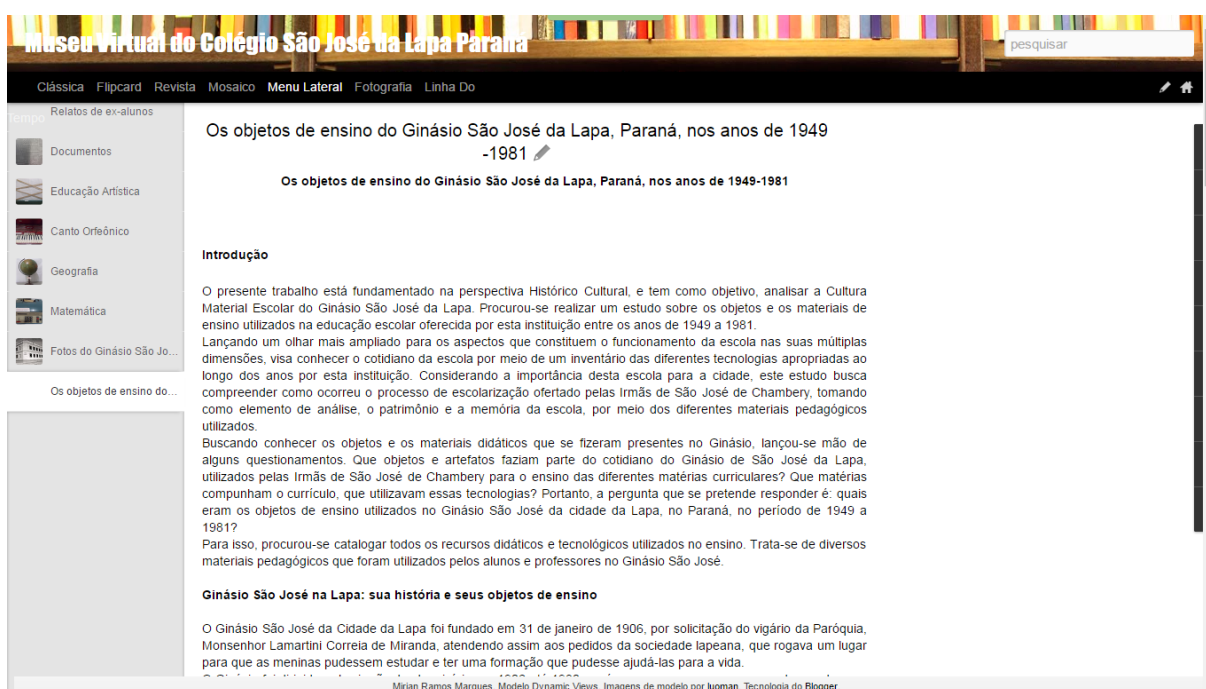
4.2 A CONSTRUÇÃO DO BLOG: UM MUSEU VIRTUAL PARA REMEMORAR A HISTÓRIA DA CULTURA MATERIAL DO GINÁSIO SÃO JOSÉ, DA LAPA

Para a construção do blog foi utilizado o site *Blogger*. O título do Blog é *Museu Virtual do Colégio São José, da Lapa, Paraná*, para endereço de pesquisa utilizará do link <http://ginasiosaojose-lapapr.blogspot.com.br/>. O mesmo tem como principal objetivo a divulgação da pesquisa já realizada e também no repositório de novas informações, como imagens, relatos, documentos entre outros. Assim, os ex-alunos poderão lembrar momentos, materiais e também contribuir para novas histórias.

O Blog foi organizado da seguinte forma: um menu lateral com a apresentação, contato, arquivo, onde o visitante poderá visualizar todos os arquivos por data, ou mês, neste menu eles poderão interagir com o blog e fazer pesquisas sobre os artigos, imagens, relatos já publicados e documentos fotografados, como listas de matrículas, listas de chamadas entre outros.

Observe na imagem abaixo o design do blog:

Figura 33 – Artigo: Os objetos de ensino do Ginásio São José da Lapa, Paraná, nos anos de 1949 -1981.



Fonte: imagem retirada do Blog – Museu Virtual do Colégio São José da Lapa Paraná

Este primeiro link do blog traz um artigo elaborado pela autora sobre os objetos de ensino do Ginásio nos anos de 1949 até 1981. Neste item outros artigos podem ser anexados por outros autores que queiram contribuir com mais informações.

Figura 34 - Fotos do Ginásio São José na década de 1940.



Fonte: imagem retirada do Blog – Museu Virtual do Colégio São José da Lapa Paraná

No link que estão algumas imagens do Ginásio, onde os visitantes também podem enviar suas fotos para que sejam publicadas, aqui algumas imagens do Ginásio nos anos de 1940.

Figura 35 - Materiais utilizados na matéria de Matemática.



Fonte: imagem retirada do Blog – Museu Virtual do Colégio São José da Lapa Paraná

No link da matéria de Matemática foram publicadas algumas fotos de recursos que foram utilizadas durante as aulas, como calculadoras, balança analítica, moedas e cédulas de vários locais para que os alunos aprendessem os valores.

Figura 36 - Materiais utilizados na matéria de Geografia.



Fonte: imagem retirada do Blog – Museu Virtual do Colégio São José da Lapa Paraná

Na matéria de Geografia estão vinculadas imagens de globo e de planetário, onde os alunos aprendiam e conheciam um pouco do planeta Terra e também do céu.

Figura 37 – Materiais e instrumentos utilizados na matéria de canto orfeônico.



Fonte: imagem retirada do Blog – Museu Virtual do Colégio São José da Lapa Paraná

No link da matéria de Canto Orfeônico os instrumentos e recursos eram variados. Nessas aulas haviam radiolas, acordeão, teclado entre outros, com isso foram inseridos imagens no blog que provavelmente foram utilizados no Ginásio e principalmente nos desfiles cívicos que aconteciam na cidade.

Figura 38 - Materiais utilizados na matéria de Educação Artística.



Fonte: imagem retirada do Blog – Museu Virtual do Colégio São José da Lapa Paraná

Na matéria de Educação Artística, os instrumentos eram diversos, pois os alunos aprendiam fazer artesanatos, pinturas, desenhos e, deste modo, foram encontrados alguns dos objetos, como o *Pantógrafo*, *Chambre Claire*, *Pirógrafo*, entre outros. Acredita-se que com a divulgação do blog será possível novos levantamentos de outros recursos que também se fizeram presentes nessa matéria.

Figura 39 – Documentos.



Fonte: imagem retirada do Blog – Museu Virtual do Colégio São José da Lapa Paraná

Neste link, estão alguns materiais que foram fotografados no arquivo do Ginásio, como livros atas, registros de matrículas, registro do corpo docente e outros documentos que fazem parte da história do Ginásio.

O mesmo está disponibilizado para postagem de documentos que possam contribuir no acervo e levantamento de novas questões para futuras pesquisas, onde pessoas que se interessem em contribuir poderão também publicar seus documentos.

Figura 40 – Relatos de ex-alunos.



Fonte: imagem retirada do Blog – Museu Virtual do Colégio São José da Lapa Paraná

O link sobre relatos de ex-alunos será de grande importância para esta pesquisa e outras que poderão ser iniciadas, pois os relatos são fontes reais de alunos que passaram pelo Ginásio e de alguma forma se apropriaram dessas tecnologias e recursos didáticos.

Os professores e ex-alunos que quiserem publicar seus relatos poderão entrar em contato com a autora por e-mail, os quais estão disponibilizados do Blog no link *contatos*. Deste modo, apenas a autora poderá fazer as publicações.

Figura 41 – Os recursos materiais utilizados nas aulas nas aulas especiais.



Fonte: imagem retirada do Blog – Museu Virtual do Colégio São José da Lapa Paraná

No menu sobre os *recursos materiais* utilizados nas aulas especiais, estão dispostos algumas imagens como máquinas de costura utilizadas para cursos de corte e costura e *máquinas de escrever*, utilizadas nos cursos de datilografia. As aulas especiais eram conhecidas assim pelos momentos que correspondiam a formação profissional, ou seja, esses recursos eram utilizados para que o aluno tivesse uma profissão e deste modo iniciasse sua vida profissional no mercado de trabalho.

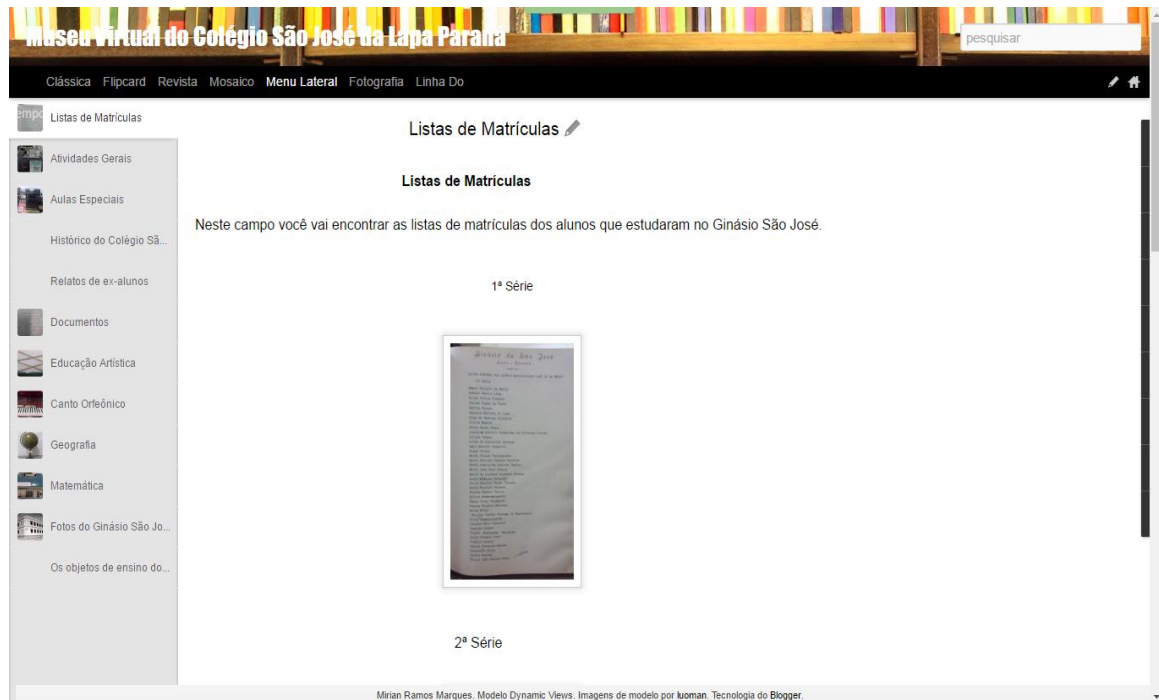
Figura 42 – Os recursos materiais utilizados pelo Ginásio em atividades gerais.



Fonte: imagem retirada do Blog – Museu Virtual do Colégio São José da Lapa Paraná

No item sobre as atividades gerais, havia alguns recursos que possivelmente foram utilizados não em aulas específicas, mas de um modo geral, como o mimeógrafo, que foi utilizado por muitos anos na reprodução de atividades de diversas matérias. A máquina de cinema que auxiliava nos finais de semanas em que os alunos ficavam no ginásio, e o projetor de slides que também auxiliava nas diversas matérias.

Figura 43 – Listas de Matrículas.



Fonte: imagem retirada do Blog – Museu Virtual do Colégio São José da Lapa Paraná

Na aba sobre *Listas de Matrículas*, os visitantes podem identificar a listas com os nomes dos alunos que estudaram no Ginásio, poderão também identificar e comentar sobre as mesmas.

Deste modo, com a divulgação do Blog possivelmente serão levantadas novas informações sobre o funcionamento do Ginásio e conhecer melhor sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho verificou-se a importância do Ginásio São José no município da Lapa. Foi por meio da Congregação das Irmãs de São José de Chambery e por pedidos dos próprios lapeanos que o Ginásio se estabeleceu e ficou do ano de 1906 até o ano de 1981, passando diversos ensinamentos aos seus alunos e assim atendendo aos pedidos e as necessidades das famílias. Durante toda sua permanência na cidade, essa instituição teve a religiosidade como um dos seus princípios.

Inicialmente essa instituição era apenas para as meninas, assim com havia sido solicitado pelas famílias, somente mais tarde é que passou a aceitar também os meninos, contribuindo de forma geral para toda sociedade. Esta foi uma instituição particular e a única destinada à formação das meninas com objetivos de formar para o mercado de trabalho e também para o lar. De acordo com a legislação o Ginásio mesmo sendo particular precisava atender as leis que regiam a educação em âmbito nacional, deste modo entende-se o objetivo de profissionalização estabelecida pelo Ginásio aos seus alunos.

Assim, ao propor uma análise da dimensão da materialidade do Colégio São José da Lapa, entre os anos de 1949 a 1981, por meio da descrição dos objetos e dos seus usos, é possível adentrar na memória do ensino desta instituição, tão importante para a população da cidade da Lapa no estado do Paraná e que contribuiu por muitos anos para a formação de muitos alunos e alunas que por ele passaram.

A documentação consultada e o acervo conservado constituem-se como patrimônio escolar, e assinalam para uma cultura escolar marcada pela complexidade do ensino e pela abundância de materiais pedagógicos utilizados nas aulas. Pode-se afirmar que a presença das Irmãs de São José de Chambery com a instituição deste Ginásio transformou o cenário escolar da cidade. A inserção de diversos materiais de ensino, muitos deles de influência francesa, introduziram um novo modelo de instrução, que atendeu uma pequena parcela da população daquela cidade interiorana.

Ao verificar as tecnologias que se fizeram presentes no ensino desta instituição, foi possível perceber que o Ginásio possuía muitos recursos que

compuseram a materialidade da instituição e possibilitaram grandes ensinamentos aos alunos que estudaram no mesmo. Assim, foi possível compreender como o ensino foi organizado durante os anos de 1949 ao ano de 1981.

Durante esse período o Ginásio passou por grandes mudanças, a primeira já no ano de 1949, onde o mesmo passou a chamar-se de Ginásio, pois foi neste ano que o mesmo passou a ofertar o curso ginasial. Outras mudanças foram as leis nacionais da educação no ano de 1961 e depois no ano de 1971, onde colocavam metas e regras que a educação das escolas públicas e particulares deveriam seguir, tais leis ficaram conhecidas como as LDB's, Leis de Diretrizes e Bases da Educação, assim sendo eram as leis que regiam a educação nacional, e as instituições deveriam segui-las.

Já através da pesquisa sobre o currículo escolar do Ginásio São José foi possível fazer levantamentos dos saberes e das matérias que o compunham. Verificou-se que o mesmo continha várias matérias que utilizavam das tecnologias para o aprendizado dos alunos, como a matemática, geografia, canto orfeônico, educação artística e, deste modo, identificar os recursos que foram utilizados durante essas aulas. Cumpre notar que a cultura material escolar é constituída por objetos ou artefatos de ensino. Esses compreendem todo tipo de mobiliário escolar, materiais didáticos e espaços. Nas últimas décadas, a historiografia da educação, pelo viés da História Cultural, tem se aproximado das práticas e lançado um olhar mais atento para a cultura material e o patrimônio da escola.

Deste modo, por meio dessa pesquisa, foi possível resgatar a cultura material escolar do Ginásio São José e assim divulgá-la por meio de um blog, onde o mesmo foi construído com imagens e informações que outras pessoas interessadas poderão consultar e também participar com novas informações, como os ex-alunos e também professores que lá lecionaram.

FONTES

L. H. **Nossa História** (Memorial que relata a trajetória da Congregação de São José de Möutiers, desde que saiu da França e aportou em terras brasileiras). Paraná, 1978.

MIS. Museu Da Imagem e do Som do Paraná. **Coleção Guilherme Glück**. 2016

Sociedade Brasileira Cultural e Caritativa São José. **Acervo histórico das Irmãs de São José**. Curitiba–PR.

REFERÊNCIAS

ABREU JUNIOR, Laerthe de Moraes. Por uma metodologia em cultura material educativa: trabalho com documentos sobre educação na primeira metade do século XX. **Educação em Perspectiva**. Viçosa-MG, v. 3, n. 1, p. 167-184, jan./jun. 2012.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ALVES, Claudia. Educação, Memória e Identidade: Dimensões Imateriais da Cultura Material Escolar. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 14, n. 30 p. 101-125, Jan/Abr 2010. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>. Acesso em 15 de mar. 2015.

ARAGÃO, Milena Cristina; KREUTZ, Lucio Kreutz. “A Mulher é Naturalmente Educadora” Representações de professoras sobre a docência: entre discursos históricos e atuais. **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia-MG - v. 25, n. 1 - Jan./Jun. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/7395>. Acesso em 23 de dez. 2014.

AZANHA, José Mario Pires. Cultura escolar brasileira, **Revista USP**, n. 8, p. 87, dez./jan./fev. 1991. p. 65-69.

AZEVEDO, Fernando de. *et al.* O manifesto dos pioneiros da educação nova (1932). **Histedbr On-line**, Campinas, n. especial, p.188–204, ago. 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf>. Acesso em 12 de out. 2015.

BERRIO, Julio Ruiz. El metodo historico en la investigaci3n historica dela educaci3n. **Revista española de pedagogia**. Madrid: Instituto “San José de Calasanz” de Pedagogia/Consejo superior de investigaciones científicas. Año XXXIV.-Núm. 134.- Oct./Dec. 1976, p.449-475.

BORTOLOTI, Karen Fernanda. CUNHA, Marcus Vinicius da. Anísio Teixeira e a Psicologia: o valor da mensuração. **Revista Brasileira de Estudos pedagógicos**. Brasília, v. 94, n. 236, p. 1-332, jan./abr. 2013.

BRAGA, Newtin C. **Pirógrafo Eletrônico (ART1590)**, 2015. Instituto Newton C. Braga. Disponível em <<http://www.newtoncbraga.com.br/index.php/electronica/57-artigos-e-projetos/9013-pirografo-eletronico-art1590>>. Acesso em: 24 maio. 2015

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 27 dez. 1961. p. 11429. Disponível em: <<http://www>>.

planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4024.htm>. Acesso em: 19 maio. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRITO, Glaucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias: um repensar**. 3 ed. Curitiba, Ibpex, 2011.

CANDIDO, Antonio. A estrutura da escola. PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice; M. **Educação e Sociedade**. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1971.

CANSI, Adelide, *et al.* Irmãs de São José. **Revista Irmãs de São José**, nº 08. p.19. Jul/dez. 2011.

CARDOSO FILHO, Ronie. **São José, o Colégio de Castro. 1904-1994**. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 312 p., 2009.

CARNEIRO, David. **O Cerco da Lapa e seus heróis: antecedentes e consequências da Revolução Federalista no Paraná**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1991.

CARVALHO, Edilson Alves de. ARAÚJO, Paulo César de. **Leituras cartográficas e interpretações estatísticas II**. Natal-RN. EDUFRN, 2009.

CHERVEL, André. L'histoire des disciplines scolaires. Paris: **Histoire de L'éducation**, v. 38, n. 1, 1988, p. 59-119.

CIAVATTA, Maria. A cultura material escolar em trabalho e educação. A memória fotográfica de sua transformação. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 23, n. 46, p. 37-72, jul./dez. 2009.

CINTRA, Erica Piovam de Ulhôa. As irmãs de São José no Paraná e a educação católica no limiar do século XX. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 15, n. 3, p. 07-21, set./dez. 2012.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. Cultura, material escolar e formação de professores: como matiar o corpo – imagens e textos. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 49, p. 183-205, jul./set. 2013.

COSTA, Célio Juvenal. PEREIRA MELO, Joaquim José. FABIANO. Luiz Hermenegildo. (Orgs). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados, MS: UFGD, 2010.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Patrimonio material de la escuela e história cultural. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p.13-28, jul./dez. 2010.

_____. *Arqueología y rituales de la escuela*. Mogarro, Maria João (coord), **Educação e Património Cultural: Escolas, Objetos e Práticas**. Lisboa: Colibri/ IEUL, 2013.

FARIA, Thais Bento. **Cultura material escolar: objetos que contam história**. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/aescola/culturamaterialescolar.pdf>>. Acesso em: 06 de abr. 2015

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação dá história da educação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139 – 159, Jan./ Abr. 2004.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar. A importância da Museologia na conservação/comunicação da herança educativa. **Pro-Posições**, v. 16, n. 1, p. 46, jan./abr. 2005

_____. Herança educativa e museus: Reflexões em torno da práticas de inventariação, preservação e divulgação histórica. **Revista Brasileira da História da Educação**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 67-92, jan./abr. 2011

FRAGO, Viñao. História de la educación e história cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 0, p. 63-82, set./dez. 1995.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**; Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira. Cultura Material e Patrimônio Científico: discussões atuais. In. GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio. **Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Mast, 2009. p. 3-13.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia. PETRY, Marília Gabriela. (Org.). **Objetos da Escola: Espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar**. Florianópolis: Insular, 2012.

GIMENO SACRISTÁN, José. **La educación obligatoria: su sentido educativo y social**. Madri: Morata, 2005.

Gomes, Maria João. Blogs: um recurso e uma estratégia educativa. In **Actas do VII Simpósio Internacional de Informática Educativa**, SIIE, p. 305-311. 2005.

Disponível em: < <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>>. Acesso em 19 de Nov. 2015

HERNÁNDEZ DÍAZ, José Maria. Etnografía e história material de la escuela. In: José Maria Hernández Díaz & A. Escolano Benito (Coord). **La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educación deseada**. Valência: Tirant Lo Blanch, 2002. p. 225-246.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados, v. 1, n.1, 2001. p. 9-44.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8 ed. Campinas: Papirus, 2007.

_____. **Tecnologia e ensino presencial e a distância**. 9 ed. Campinas: Papirus, 2012.

_____. **Tecnologias e tempo docente**. Campinas: Papirus, 2013.

Lei nº 4.224 de 9 de abril de 1942. **Lei Orgânica do Ensino Secundário**. Rio de Janeiro, 9 de abril de 1942, 121º da Independência e 54º da República. Disponível em:<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 17 jul. 2015

Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa **Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Disponível em: < <http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1971/5692.htm>>. Acesso em 08 jun. 2015.

LOPES, Rui. Os materiais parietais em Portugal. In: Mogarro, Maria João. (Coord). **Educação e Património Cultural: Escolas, Objetos e Práticas**. Lisboa: Colibri/ IEUL, p. 49-78. 2013.

MACHADO, Rosilene Beatriz. FLORES, Cláudia Regina. Cenas de um ensino de Desenho: reflexões metodológicas para a escrita da história. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 11, n. 34, p. 687-707, set./dez. 2011.

MADEIRA, Ana Isabel. SILVA, António Manuel Martins da. O património cultural da educação no espaço colonial: o legado do ginásio das missões ultramarinas. In: Mogarro, Maria João. (Coord), **Educação e Património Cultural: Escolas, Objetos e Práticas**. Lisboa: Colibri/ IEUL, p.227-262, 2013.

MANOEL, Ivan Aparecido. **Igreja e educação feminina (1859-1919):** uma face do conservadorismo. 2 ed. Maringá: Eduem. 2008.

MOGARRO, Maria João. Património educativo e modelos de cultura escolar na história da educação em Portugal. **Cuestiones Pedagógicas**. 2012/2013, p. 67-102.

_____. Arquivo e Educação: A construção da memória educativa. **Sísifo. Revista de Ciências da Educação**, n.1, p. 71-84. 2006. Disponível em:<<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9875/1/Arquivos%20e%20educacao.pdf>>. Acesso em 29 out. 2015

NASCIMENTO, Evandro Cardoso do. História, patrimônio e educação escolar: diálogos e perspectivas. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jul. 2011. Disponível em:<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300708999_ARQUIVO_artigo_a_npuh_nacional.pdf>. Acesso em 29 out. 2015.

OLIVEIRA, Susan Aparecida de. **Guerra do Contestado:** mimesis e políticas da memória. Tese em (Doutorado em Teoria Literária) - Universidade Federal de Santa Catarina. P. 236. 2006.

PALMA, Helena. Os materiais didáticos utilizados no processo de ensino-aprendizagem de conteúdos matemáticos na escola primária (séculos XIX-XX). In: Mogarro, Maria João. (Coord), **Educação e Património Cultural:** Escolas, Objetos e Práticas. Lisboa: Colibri/ IEUL, p.130-157, 2013.

PENIM, Lígia. Marcas Empíricas no Desenho Escolar Tecnologias para formar produtores e consumidores (Ensino Secundário, em Portugal – século XIX aos finais de 1970). In: Mogarro, Maria João. (Coord), **Educação e Património Cultural:** Escolas, Objetos e Práticas. Lisboa: Colibri/ IEUL. 2013

POL, Milan; HLOUŠKOVÁ, Lenka; NOVOTNÝ, Petr; ZOUNEK, Jiří. Em busca do conceito de cultura escolar: uma contribuição para as discussões atuais. **Revista Lusófona de Educação**, v. 10, p. 63-79, 2007.

POSSAMAI, Zita Rosane. Patrimônio e História da Educação: aproximações e possibilidades de pesquisa. **História da Educação - RHE**, Santa Maria RS, v. 16, n. 36, p. 110-120, Jan/Abr. 2012. Disponível em:<<http://www.ufrgs.br/gemmus/producao-intelectual/profa.-zita-possamai/patrimonio-e-historia-da-educacao-aproximacoes-e-possibilidades-de-pesquisa>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 8 ed. Petrópolis. Vozes, 1986.

ROSA, Cristina Souza da. Cinema educativo do Fascismo e do Estado Novo em comparação. **Revista Esboços**. Florianópolis, v. 19, n. 27, p. 55-75, ago. 2012.

SCHIFFL, Daniela. **Um estudo sobre o uso da calculadora no ensino de matemática**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação – Mestrado Profissional em Ensino de Física e de Matemática), Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, 2006. 133 p.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.

SILVEIRA, Maria Inês Pierin Borges da. SILVEIRA, Valéria Borges da. **Lapa: tropas e tropeiros: caminhos da história**. 2.ed. Curitiba: IBS, 2010.

SOUSA, Rainer Gonçalves. Revolução Federalista. **Brasil Escola**. Disponível em <<http://www.brasilescola.com/historiab/revolucao-federalista.htm>>. Acesso em: 11 de out. 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.

_____. Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola primária no Brasil, no século XX. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 49, 103-120, jul./set. 2013.

TEIXEIRA, Anabela. Instrumentos matemáticos nos Liceus. In: Mogarro, Maria João. (Coord), **Educação e Património Cultural: Escolas, Objetos e Práticas**. Lisboa: Colibri/ IEUL, p.159-173, 2013.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **Estudando as lições de coisas**. Estudo sobre os fundamentos filosóficos do método de ensino intuitivo. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. O manual didático práticas escolares: um estudo sobre mudanças e permanências nas prescrições para a prática pedagógica. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 8, n. 2 - mai/ago. 2008, p. 13-39.

VIDAL, Diana Gonçalves; SILVA, Vera Lúcia Gaspar. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. **Linhas**. Florianópolis, v. 11, p. 13-28, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2127>. Acesso em: 26 de Nov. 2014

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural: Posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**. N. 306, p. 245-269, 1995.

_____. Culturas escolares y reformas. **Revista Teias**. v. 1, n. 2, p. 25, 2000.

APÊNDICE A - Alunos que estudavam no ano de 1949 na primeira turma do curso ginásial

Abaixo segue quadros dos alunos matriculados no ano de 1949 na primeira turma do curso ginásial.

Quadro 5 – Alunos da primeira turma do curso ginásial.

Nº	ALUNO	DATA / NASC	FILIAÇÃO	PROFISSÃO
1	Ana Balbina Ganzert Gomes	15/05/36	Caetano Ferreira Gomes e Emília Ganzert Gomes	Pedreiro e Doméstica
2	Angela Risseto Baggio	23/05/35	João Vidal Baggio e Angela Risseto Baggio	Fazendeiro e Doméstica
3	Aracy de Carvalho Ferraz	04/12/28	Orosimba de Almeida Ferraz e Maria Pinto Ferraz	Funcionário Público
4	Aurora de Carvalho Ferraz	22/11/30	Orosimba de Almeida Ferraz e Maria Pinto Ferraz	Funcionário Público
5	Clarice Domigues Burda	18/05/35	Vitor Burda Sobrinho e Leocadia Domingues Burda	Doméstica
6	Clarice Hey Pacheco	12/08/37	José Almeida Pacheco e Diva Hey Pacheco	Industrial e Doméstica
7	Edith dos Santos	06/03/38	Lauro dos Santos e Helena dos Santos	Comerciante e Doméstica
8	Eloá de Mello Cesar	13/03/35	Olegário de Mello Cesar e Maria Augusta Ganzert Cesar	Comerciante e Doméstica
9	Fany Lucy Loures Lopes	27/10/35	Valdemiro Lopes e Serafina Loures Lopes	
10	Flory Mônica Hamerschmidt	28/02/38	Alberto Hamerschmidt e Verônica Hamerschmidt	Comerciante e Doméstica
11	Ivete Pedro Kaled	02/09/37	Pedro Simão Kaled e Vitória Saliba Kaled	

12	Maria Madalena Santos	06/04/19	João Vieira dos Santos e Júlia Balsa Santos	Funcionário e Doméstica
13	Norma Machado Braggio	09/06 /36	Antonio Marcelo Braggio e Nair Machado Braggio	
14	Olga Grachki Lechinski	13/06/35	Alberto Lechinski e Anna Grachki Lechinski	Ferroviário e Doméstica
15	Renata Amanda Bley	08/05/38	Nicolau Bley Filho e Jandyra Mattana Bley	Promotor e Doméstica
16	Solange da Graça Leoni	17/03/38	Pedro Passos Leoni e Alice de Araujo Leoni	Médico e Doméstica
17	Therezinha Chemim Guimarães	21/05/37	Mario Alves Guimarães e Lydia Chemim Guimarães	Doméstica
18	Umbelina Batista Teixeira	20/09/31	Francisco Batista Teixeira e Ana Batista	Lavrador e Doméstica
19	Yône Coimbra Espínola	10/04/37	Oswaldo Espínola e Ana B. Coimbra Espínola	Doméstica

Fonte: Quadro elaborado pela autora com base no arquivo de documentação escolar do Ginásio São José.

APÊNDICE B - Corpo docente do curso ginásial do ano de 1953 – 1959

Abaixo segue o quadro dos Professores que lecionavam no curso ginásial e que se apropriavam das tecnologias para auxiliar suas aulas, os nomes dos professores foram retirados do livro de corpo docente em exercício no período de 1953 até 1959.

Quadro 6 – Corpo docente do curso ginásial do ano de 1953 – 1959.

PROFESSOR	MATÉRIA
Brigida Estival e Liqueria Palomany	Matemática
Maria Zita de Mello e Ana Gajewaki	Geografia
Josefa Boza e Ana Gajewaki	Trabalhos Manuais
Maria Mocelin e Iracema Maria Forosti	Desenho
Maria Mocelin e Pe. Simão Tadeu Kalinowski	Canto Orfeônico
Josefa Boza e Ana Gajewaki	Economia Doméstica

Fonte: Quadro elaborado pela autora, com base no arquivo de documentação escolar do Ginásio São José.

APÊNDICE C - Alunos da primeira turma do ensino de 1º grau em 1972

Segue quadro de alunos matriculados na primeira turma do ensino de 1º grau no ano de 1972.

Quadro 7 – Alunos da primeira turma do ensino de 1º grau em 1972.

Nº	ALUNO	DATA / NASC	FILIAÇÃO	PPROFISS ÃO
1	Carlos Gilberto Sampaio da Silva	11/05/65	Roberto e Jacira Sampaio da Silva	Enfermeiro
2	Carmem Cristina Bley	11/08/66	Alceu Manoel e Ana Josefa Peres Bley	Jornalista
3	Clovis Notto de Souza	18/12/66	Claudio e Luci Notto de Souza	Militar
4	Delcy do Rocio Baggio Kaseker	30/09/65	Orlando e Noily Baggio Kaseker	Ferrovário
5	Filomena Schroeder	25/07/59	Nicolau e Luiza Stoer Schroeder	Lavrador
6	Inês Mª Bianchini de Quadros	10/07/66	Paulo K. e Cecilia Mª Bianchini de Quadros	Comércio
7	Iolanda Carrano Zanluti	07/08/66	José Artur e Mariza Carrano Zanluti	Falecido
8	João Carlos Leonardi Filho	08/10/66	João Carlos e Maria de Lourdes Ferraz Leonardi	Industrial
9	José Eduardo Corrêa	05/01/66	Lucas da C. e Sofia Corrêa	Comércio
10	José Carlos Baggio Batista	23/01/67	José S. e Nair Antonia Baggio Batista	Comércio
11	Júlio Cesar de Lima Bassani	17/08/65	Evangelista Antonio Bassani e Abigail de L. Bassani	Açougueiro

12	Larissa Fernanda Ribas	25/11/66	Gablê Antonio Ribas e Albany A. Luz Ribas	Dentista
13	Leila Mattar Isbert	14/12/65	Hanna Khaddour Isbert e Olga Mattar Isbert	Comércio
14	Marcelo Campanholo Mendes	30/08/66	Pedro Cordeiro Mendes e Lia F. C. Mendes	Contador
15	Marcia Regina de Mello	27/03/66	Oliveiros de Oliveira Mello e Olga L. Pereira	Militar
16	Marcia Vidal Camargo	09/02/66	Mario Colaço Camargo e M ^a Terezinha V. Camargo	Garçon
17	Marcio Ricardo Socha	12/09/66	João Baptista Socha e Ceníria Diniz Socha	Bancário
18	Maria José Borges Tanck	25/09/66	José Maria Tanck e Maria Ieda Borges Tanck	Funcionário Público
19	Maria Lucia Baja	03/04/66	Estanislau Baja e Francisca K. Baja	Funcionário Público
20	Mary da Silva Baki	25/01/66	Ahmad Mohamad Abdul Baki e Amirth da S. B	Comércio
21	Renata Ibraim Esber	21/12/65	Ibraim Osman Esber e Jhadah Georgeos Makhaal	Comércio
22	Simone Hammerschmidt	23/02/66	Benjamim Hammerschmidt e Siglinda S. H	Agrônomo
23	Sumaia Maria Fiates Dawagi	13/04/66	Miguel Salim Dawagi e Yeda M ^a F. Dawagi	Fiscal Tributário
24	Waldir Schmidt da Silveira	06/12/65	Waldy Mendes da Silveira e Thereza S.	Ourives

			da Silveira	
25	Silvana Winter	28/05/67	Renato Winter e Lori Winter	Militar
26	Ewaldo Wolf Junior	23/02/65	Ewaldo Wolf e Rosina Thereza Pacheco Wolf	Comércio
27	Rosana Pacheco Wolf	23/02/66	Ewaldo Wolf e Rosina Thereza Pacheco Wolf	Comércio

Fonte: Quadro elaborado pela autora, com base no arquivo de documentação escolar do Ginásio São José.

APÊNDICE D – Professores do Ginásio São José: ensino de primeiro grau (1972)

Abaixo segue o quadro dos docentes que lecionavam nas matérias em que as diferentes tecnologias eram mais utilizadas.

Quadro 8 – Professores do Ginásio São José: ensino de primeiro grau (1972).

NOME	FUNÇÃO	TURMA
Luiza Ires Tonial	Regente de Classe	1ª série
Maria de Lourdes Bianchini	Regente de Classe	2ª série
Maria Kactzka	Regente de Classe	3ª série
Maria Madalena Siqueira	Regente de Classe	3ª série
Maria de Lurdes Rosa	Regente de Classe	4ª série
Maria Kactzka	Regente de Classe	5ª série
Maria Rosa Ramos	Regente de Classe	Em licença
Gema Boza	Professor Especial (Música, Religião, Desenho, Ciências, Educação Artística, Indústrias, etc).	Lecionava em todas as turmas.
Celina Nester	Diretor	
Amabele Bertoldi	Secretário auxiliar de secretaria, administração geral.	

Fonte: Quadro elaborado pela autora, com base no arquivo de documentação escolar do Ginásio São José.

Com o quadro acima percebe-se que os professores eram divididos em turmas, com isso único professor lecionava todas as matérias comuns, já a parte mais diversificada, que seria a música, desenho, Educação Artística e outras, havia uma única professora que trabalhava em todas as turmas, chamada de Professor especial.